



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Interação Diádica em Processo Terapia de Casal

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

por

João Carlos Gomes Amorim

sob orientação de
Professora Doutora Vânia Sousa Lima

Faculdade de Educação e Psicologia
Porto, Julho de 2013

À minha avó,
que continua sempre presente...

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Vânia Sousa Lima, pela disponibilidade que sempre demonstrou e pela generosidade na partilha de conhecimentos. Pelas palavras de incentivo e pela frontalidade, sempre nos momentos certos. Por de forma indubitável ter contribuído para que este percurso efetivamente se tornasse numa oportunidade privilegiada de aprendizagem e enriquecimento.

À Mestre Filipa Vieira, pela disponibilidade e colaboração na avaliação da interação diádica do casal participante neste estudo.

Às minhas colegas de Mestrado, Filipa Soares, Constança Nogueira e Márcia Cunha, com quem foi um enorme prazer trabalhar e por mesmo nos momentos de maior *stress* terem sido capazes de continuar a recorrer ao sentido de humor e à boa disposição.

À Célia Sousa, talvez das pessoas que mais sentiu os efeitos do meu total envolvimento neste mestrado. Pela sua amizade incondicional e que foi amadurecendo ao longo dos anos até se tornar naquilo que hoje é. Pelos momentos de partilha e cumplicidade, onde as palavras não são necessárias... Prometo compensar pelos momentos em que não consegui estar presente. Anseio por começar a viver mais de perto a fase de imensa felicidade que estás a atravessar... Aguardo ansiosamente a chegada do pequeno David!

À Bárbara Barbosa, pela capacidade que tem de me fazer rir e pelas provas de amizade que, cada vez mais, tem vindo a dar. Por ser um exemplo de amadurecimento e crescimento pessoal. Um agradecimento especial por (em muito) ter facilitado a articulação com a biblioteca da FPCE – UP.

À Sandrine Caseiro, de quem as saudades são tantas e por quem nutro uma profunda admiração. Pela sua clarividência e forma pragmática de encarar a vida. Obrigado por saberes ouvir, sem nunca fazeres juízos de valor.

Ao Filipe, pela sua visão crítica e objetiva. Por sempre me ter dito o que precisava ouvir e não o que desejava. Por me ajudar a manter focado no essencial e pela imensa paciência com que sempre acompanhou este meu percurso.

Aos meus amigos de sempre, Maria Almeida, Carolina, Jú, Rui e Marta, pelas tantas e boas memórias que fomos construindo ao longo dos anos.

À minha família, por todo o apoio e incentivo para a realização deste mestrado.

À Di, exemplo de que a família vai muito mais além dos genes, pela dedicação, carinho e lealdade que sempre nos dedicou.

À minha sobrinha Constança, por no alto dos seus três anos ter sido uma das minhas principais fontes de motivação... Tantas vezes a ela recorri, só para sentir o efeito revitalizante que o seu sorriso e o seu abraço têm sobre mim.

À minha irmã, o meu refúgio seguro, pela incondicionalidade da sua presença e pelo amor quase maternal com que acompanha o meu percurso. Por ser um modelo, o meu modelo, de perseverança e determinação. Não é, nem será nunca possível concretizar em palavras a profunda admiração que tenho por ela e o imenso orgulho que sinto da nossa relação.

Por fim, o último e mais importante dos agradecimentos que devo fazer:

À minha mãe, verdadeiramente a única pessoa a quem tenho de agradecer por ter tornado possível a realização deste mestrado. Pelos imensos sacrifícios que fez e pelo tanto de que se privou para que este projeto pessoal fosse concretizado. Por sempre ter colocado os filhos à frente de qualquer uma das suas necessidades e por lutar obstinadamente pelo seu bem-estar e conforto.

Resumo

Tendo como matriz conceptual a teoria da vinculação, a qual identifica dimensões fundamentais para o funcionamento diádico, presente estudo pretende contribuir para o reconhecimento da pertinência e relevância da avaliação da interação diádica em processo terapia de casal.

Recorrendo a uma metodologia do tipo estudo de caso único, o presente trabalho teve como objetivo a avaliação e a caracterização da interação diádica de um casal heterossexual que iniciou o processo de terapia de casal sinalizando a comunicação como sendo a principal área problemática do seu relacionamento. A avaliação da interação diádica foi realizada por dois juízos independentes a partir da visualização em registo vídeo de todas as sessões realizadas no processo psicoterapêutico e com base nos critérios estabelecidos pela *Couple Interaction Task – CIT*.

Os resultados obtidos permitiram verificar que os problemas de comunicação do casal estavam intimamente relacionados com as dificuldades que ambos os elementos da díade manifestavam ao nível dos comportamentos gerais e dos comportamentos específicos de vinculação. Na discussão dos resultados deste estudo, foi também apresentada a relevância clínica para outros casos da avaliação da interação diádica em *setting* terapêutico, mais especificamente no que concerne à realização de uma intervenção psicoterapêutica de casal sustentada na interação diádica.

Por fim, com base nas principais limitações do presente estudo, são apresentadas algumas sugestões para investigação futura neste domínio, fundamentalmente relacionadas com variáveis associadas à díade, aos terapeutas e ao processo psicoterapêutico.

Abstract

Adopting attachment theory as a conceptual framework which identifies key dimensions to dyadic functioning, the present study aims to contribute to the acknowledgment of the relevance of dyadic interaction evaluation in couple therapy.

Using a singular case study methodology, this work aimed to evaluate and describe the dyadic interaction of a heterosexual couple that started the psychotherapeutic process indicating communication as the main problematic area of their relationship. The dyadic interaction was assessed from the visualization of video records of all the sessions in the psychotherapeutic process, by two independent judges and based on criteria established by the Couple Interaction Task - CIT.

The results showed that the couple's communication problems were closely related to the difficulties that both members of the dyad evidenced at the level of general and specific attachment behaviors. In the discussion of the results of this study, it was also presented the clinical relevance of assessing dyadic interaction in the therapeutic setting, more specifically in relation to the implementation of a psychotherapeutic intervention based in dyadic interaction.

Finally, based on the main limitations of this study, some suggestions are presented for future research in this area, mainly related with variables associated to the dyad, the therapists and the psychotherapeutic process.

Índice

Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento Teórico	3
1. Desenvolvimento conceptual e empírico da Teoria da Vinculação	3
2. Vinculação na idade adulta.....	5
2.1. Avaliação da representação da vinculação na idade adulta.....	8
3. Vinculação e relações íntimas na idade adulta	10
3.1. Avaliação das relações íntimas numa perspetiva da teoria da vinculação	13
3.1.1. Avaliação da representação das relações íntimas	13
3.1.2. Avaliação da interação diádica	14
4. Teoria da vinculação e Terapia de casal	20
Capítulo II - Estudo Empírico	24
1. Objetivos	24
2. Método	24
2.1 Desenho da Investigação.....	24
2.2. Participantes.....	25
2.3. Processo psicoterapêutico	25
2.4. Medidas	30
2.4.1 Couple Interaction Task (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998)	30
2.5. Procedimentos	32
3. Resultados	34
4. Discussão dos Resultados	38
5. Limitações e implicações para investigação futura	46
Referências Bibliográficas	51

Índice de Tabelas

Tabela 1.	Resultados da avaliação da interação diádica na dimensão tonalidade afetiva	34
Tabela 2.	Resultados da avaliação da interação diádica na dimensão Processo	36
Tabela 3.	Resultados da avaliação da interação diádica na dimensão Equilíbrio/Balanceamento	37
Tabela 4.	Resultados da avaliação da interação diádica na escala Qualidade da Relação	37

Introdução

A teoria da vinculação constitui-se como um quadro conceptual abrangente, cuja origem remonta ao trabalho de cariz clínico realizado por John Bowlby com crianças institucionalizadas e que se centrava nos efeitos da privação de cuidados maternos na disrupção da vinculação. Através da incorporação no seu trabalho de contributos provenientes de áreas científicas como a etologia e a biologia e procurando demarcar-se dos princípios psicanalíticos que na altura vigoravam, Bowlby procurou que a teoria da vinculação se constituísse como um quadro conceptual autónomo a partir do qual fosse possível uma compreensão mais aprofundada acerca da natureza e função da relação entre mãe e criança. Os princípios teóricos apresentados por Bowlby encontraram robustez empírica nos trabalhos observacionais de cariz naturalista e laboratorial realizados por Mary Ainsworth, que adotando uma abordagem multi (Soares, 2007) e prestando particular atenção à figura de vinculação, inicia uma nova fase no desenvolvimento da teoria da vinculação

O desenvolvimento conceptual e empírico da teoria da vinculação assume novo ímpeto nos anos 80, quando o foco da investigação neste domínio começa a centrar-se no estudo das relações de vinculação na idade adulta, movendo-se do domínio comportamental para o domínio representacional (Main, Kaplan & Cassidy, 1985; Soares, 2007). Esta transição é sustentada conceptualmente pelo construto de Modelos Internos Dinâmicos proposto por Bowlby (1973) e empiricamente pela criação e desenvolvimento da *Adult Attachment Interview – AAI* (George, Kaplan & Main, 1985). O estudo da vinculação na idade adulta é reforçado a partir dos trabalhos de Hazan e Shaver (1987), nos quais as relações íntimas de cariz amoroso são conceptualizadas enquanto relações de vinculação. Estes autores consideram que as relações íntimas na idade adulta partilham algumas características com as relações de vinculação na infância, sobretudo no que se refere às dinâmicas observadas e que se caracterizam pela procura de proximidade com o outro em situações que sejam percebidas pelo indivíduo como sendo ameaçadoras (Hazan & Shaver, 1987; Lima, 2009). A investigação no domínio das relações íntimas na idade adulta à luz da teoria da vinculação tem privilegiado duas abordagens metodológicas distintas e que recorrem a diferentes medidas de avaliação: as medidas de cariz representacional e as de cariz comportamental. Fruto da conceptualização das relações amorosas na idade adulta enquanto relações de vinculação e da relevância que o conceito de base segura assume no âmbito das relações íntimas (Faria, Fonseca, Lima, Soares & Klein, 2007), o *distress* conjugal que leva a maioria dos casais a recorrerem à terapia de casal está, à luz da teoria da vinculação, frequentemente relacionado com os comportamentos de base segura (Clulow, 2001, Davila, 2003), não sendo pois surpreendente que a dimensão

comportamental assumam um papel de relevo no funcionamento das relações íntimas de cariz amoroso. Neste sentido, vários autores (e.g. Cobb & Bradburry, 2003; Davila, 2003) têm vindo a realçar a importância de num processo psicoterapêutico de casal ser prestada particular atenção à dimensão comportamental do funcionamento diádico, não só no que diz respeito aos comportamentos de vinculação, mas também a outras dimensões comportamentais mais gerais que eventualmente possam ativar o sistema de vinculação. Para além disto, Wampler e colaboradores (2004) alertam ainda para a necessidade da avaliação da interação diádica de casais em *setting* terapêutico, não existindo até ao momento evidência empírica que sustente a relevância deste tipo de abordagem na terapia de casal.

O presente estudo procura evidenciar a pertinência da avaliação da interação de díades em processo terapia de casal, adotando como matriz conceptual a teoria da vinculação. A opção por este quadro conceptual decorre da identificação de dimensões tidas como cruciais para o funcionamento diádico de um casal, sendo que do ponto de vista metodológico, a adoção da *Couple Interaction Task – CIT* enquanto medida de avaliação da interação diádica, enfatiza essas mesmas dimensões. Posto isto, este trabalho encontra-se organizado em dois capítulos.

O primeiro capítulo é dedicado ao enquadramento conceptual do estudo, estando organizado em quatro partes distintas. A primeira parte refere-se a um breve enquadramento histórico e conceptual da teoria da vinculação. A segunda parte do enquadramento conceptual centra-se na expansão da teoria da vinculação para a idade adulta com base no construto de Modelos Internos Dinâmicos, sendo apresentada a *Adult Attachment Interview* (George, Kaplan & Main, 1985) enquanto referência metodológica para a avaliação da representação da vinculação nos adultos. Por sua vez, a terceira parte do enquadramento foca as especificidades das relações íntimas de cariz amoroso na idade adulta enquanto relações de vinculação, seguindo-se a apresentação das principais linhas metodológicas de avaliação no contexto das relações íntimas, prestando-se particular atenção à avaliação de interação diádica. Por fim, a quarta parte do enquadramento conceptual desenvolve-se em torno dos principais contributos que, enquanto matriz conceptual, a teoria da vinculação pode aportar à terapia de casal. O segundo capítulo deste trabalho inclui a descrição do estudo empírico realizado, sendo composto pela apresentação dos objetivos da investigação, descrição do método utilizado, exposição e posterior discussão dos principais resultados obtidos e, finalmente, pelas principais limitações do estudo e implicações para investigação futura.

Capítulo I

Enquadramento Teórico

1. Desenvolvimento conceptual e empírico da Teoria da Vinculação

O desenvolvimento da teoria da vinculação inicia-se com os trabalhos de John Bowlby junto de crianças e jovens institucionalizados e que focavam os efeitos da privação de cuidados maternos na disrupção da relação de vinculação, importantes para a compreensão do desenvolvimento da psicopatologia (Soares, 2007). Dos trabalhos empíricos de Bowlby, destaque para aquele realizado com Robertson no qual documentaram e registaram uma sequência de comportamentos em crianças hospitalizadas que surgiam como resposta à separação das figuras parentais. Esta sequência encontrava-se dividida em três fases, nomeadamente, *protesto*, *desespero* e *desvinculação* (Kobak & Madsen, 2008; Soares, 2007). Procurando demarcar-se dos fundamentos teóricos da Psicanálise vigentes na época e que não permitiram explicar os comportamentos observados nas crianças (Bretherton, 1992), Bowlby parte em busca de um paradigma alternativo, encontrando em áreas como a Etologia e a Biologia Evolutiva vários dos princípios que lhe permitiram sustentar teoricamente os resultados obtidos empiricamente e que acabariam por influenciar a posterior formulação da teoria da vinculação (Bretherton, 1992; Cassidy, 2008; Soares, 2007).

Numa fase inicial da formulação da teoria da vinculação (Soares, 2007), Bowlby considera que a vinculação do bebé à mãe se estabelece a partir de um conjunto de respostas comportamentais instintivas (Cassidy, 2008; Soares 2007) características da espécie que, surgindo em diferentes momentos do desenvolvimento, se vão organizando e orientando para a figura de vinculação. Em posteriores revisões à sua teoria, Bowlby (1982) considera que entre os seis e os dezoito meses estas respostas comportamentais mais simples, as quais designou por *comportamentos de vinculação* e que incluem o chupar, agarrar, seguir, chorar e sorrir, integram-se e organizam-se num sistema comportamental de vinculação, orientado para objetivos mais complexos (Bretherton, 1992; Soares, 2007). Desta forma, os comportamentos de vinculação visam a obtenção e/ou manutenção da proximidade entre a criança e a figura de vinculação, servindo o propósito biológico de proteção, fundamental para a sobrevivência da espécie humana (Bowlby, 1988; Bretherton, 1992; Soares, 2007). De facto, ao prestar regularmente ao bebé os cuidados básicos de que necessita, o adulto torna-se numa figura de vinculação capaz de proporcionar segurança e conforto, pelo que se compreende que a relação de vinculação esteja sobretudo centrada na regulação da segurança (Soares, 2007). Nesta etapa desenvolvimental, esta relação

caracteriza-se pela sua assimetria, na medida em que a figura de vinculação é representada como sendo mais forte e competente para enfrentar o mundo, facultando à criança a proteção necessária que assegure a sua sobrevivência (Bowlby, 1982; Soares, 2007).

O sistema comportamental de vinculação (Bowlby, 1982), por ação de estímulos específicos internos e externos à criança, visa a concretização de determinados objetivos que possuam uma função adaptativa e, operando de forma flexível, é orientado através de um mecanismo biológico de *feedback* em função dos objetivos a serem alcançados, das alterações do ambiente e do próprio desenvolvimento do indivíduo. Para além disto, o construto de sistema comportamental de vinculação envolve a contínua incorporação dos comportamentos de vinculação em estruturas comportamentais (Lima, 2009) cada vez mais elaboradas e complexas. O funcionamento deste sistema é articulado com outros sistemas comportamentais biologicamente determinados, como por exemplo o sistema de exploração e o sistema de medo (Bowlby, 1982; Cassidy, 2008; Soares, 2007).

Decorrentes do seu trabalho clínico, as formulações teóricas de Bowlby encontram sustentação empírica a partir dos trabalhos de Mary Ainsworth que, adotando uma *abordagem multi* – multimomentos, multicontextos, multimétodos e multiobservadores - e dedicando especial atenção à figura de vinculação, inicia uma nova fase no desenvolvimento da teoria da vinculação (Bretherton, 1992; Soares, 2007). A partir das diferenças nos resultados obtidos nos seus estudos de cariz observacional e naturalista acerca da qualidade das interações entre mãe e bebé, realizados no Uganda e em Baltimore, Ainsworth elabora um procedimento laboratorial denominado por *Situação Estranha* que, ao permitir a análise das diferenças individuais na organização comportamental da vinculação, torna-se num marco fundamental na evolução da teoria da vinculação (Soares, 2007). Com base neste procedimento que visa a ativação do sistema comportamental de vinculação através de um conjunto estandardizado de episódios de reunião e separação entre a mãe e o bebé, Ainsworth e seus colaboradores identificaram três grupos que se distinguem pelo padrão na organização comportamental do bebé no contexto da relação com a figura de vinculação. Estes três padrões de vinculação foram denominados por Inseguro - evitante (Padrão A); Seguro (Padrão B); e Inseguro - ambivalente/resistente (Padrão C) (Bretherton, 1992; Soares, 2007; Solomon & George, 2008; Weinfield, Sroufe, Egeland & Carlson, 2008). No entanto, nesta classificação não estava incluído um grupo de crianças cujos comportamentos bizarros e perturbados evidenciados na *Situação Estranha* não eram classificáveis de acordo com o método proposto por Ainsworth (Soares, 2007). Numa revisão destes casos, Main e Solomon (1986 *cit. in* Soares, 2007) identificaram uma quarta categoria à qual designaram por Desorganizado (D) (Soares, 2007; Solomon & George, 2008). Para além das respostas

comportamentais das crianças, Ainsworth e colaboradores avaliaram também o comportamento materno nas interações da *Situação Estranha*, tendo verificado que as diferenças individuais observadas na qualidade da vinculação estavam também relacionadas com determinados aspetos comportamentais da figura de vinculação, especialmente no que se refere à sua disponibilidade e responsividade perante os sinais manifestados pelo bebé (Soares, 2007).

Baseando-se nos resultados de Ainsworth e colaboradores, Bowlby (1973) redefine o objetivo do sistema de vinculação em termos da acessibilidade e responsividade da figura de vinculação (Kobak & Madsen, 2008; Soares 2007), passando a ser claro que este sistema não engloba apenas respostas comportamentais, mas também elementos cognitivos e emocionais (Soares, 2007). Ao longo do primeiro ano de vida, fruto das repetidas interações com as figuras cuidadoras, o bebé vai desenvolvendo um conjunto de conhecimentos e expetativas sobre a acessibilidade e responsividade da figura de vinculação face aos seus pedidos e solicitações, e sobre o *self*, especialmente no que diz respeito ao seu valor enquanto merecedor de cuidados e à sua capacidade de exercer influência sobre as outras pessoas (Soares, 2007). A estes conhecimentos e expetativas, Bowlby (1982) designou por modelos internos dinâmicos, considerando que os mesmos se encontravam organizados internamente sob a forma de representações generalizadas sobre a figura de vinculação, o *self* e as relações. A partir do construto dos modelos internos dinâmicos (Bowlby, 1973, 1980) torna-se possível estender a teoria da vinculação a crianças mais velhas e a adultos, permitindo o estudo das diferenças individuais na organização representacional da vinculação (Collins & Feeney, 2004; Soares, 2007).

2. Vinculação na idade adulta

A partir dos anos 80 começa a destacar-se uma nova fase no estudo da vinculação (Soares, 2007), expandindo-se o foco da sua avaliação para a idade adulta e movendo-o do domínio comportamental para o domínio representacional (Main et al., 1985; Soares, 2007).

Para além de se constituírem como guias para a interpretação das experiências e de orientarem e regularem os comportamentos de vinculação (Bowlby, 1980; Soares, 2007), os modelos internos dinâmicos orientam também a atenção, memória e linguagem relacionadas com as experiências de vinculação (Main et al., 1985), permitindo que o indivíduo tome decisões sobre os seus comportamentos de vinculação em relação a uma figura específica, antecipe situações interpessoais futuras e desenvolva planos para lidar com essas situações (Bowlby, 1988; Collins & Read, 1994; Pietromonaco & Barret, 2000; Soares, 2007).

Bowlby (1973) salienta que o modelo interno do *self* e o modelo interno da figura de vinculação desenvolvem-se de forma complementar, confirmando-se mutuamente (Bowlby, 1973; Bretherton, 1992). Os modelos internos dinâmicos são caracterizados por Bowlby (1973) como sendo relativamente estáveis ao longo do tempo, uma vez que, atendendo ao contexto diádico a partir do qual se desenvolvem, é expectável que estes tendam a persistir e a cristalizar-se perante interações repetidas com as figuras de vinculação, sobretudo se essas relações forem pautadas pela consistência e estabilidade (Collins & Read, 1994). Assim, as interações caracterizadas pela sensibilidade e responsividade da figura de vinculação perante as necessidades da criança permitem que esta desenvolva um modelo do outro como disponível e acessível e um modelo do *self* enquanto merecedor de cuidados e competente na sua solicitação. Por outro lado, se a relação for caracterizada pela indisponibilidade e não responsividade da figura de vinculação, então a criança desenvolve um modelo do *self* enquanto incompetente e não merecedor de cuidados e um modelo do outro como sendo distante e não confiável (Collins & Read, 1994; Lima, 2009). No entanto, o posicionamento de Bowlby acerca do desenvolvimento de dois modelos internos dinâmicos distintos não é consensualmente aceite. Neste sentido, Main e colaboradores (1985) propõem alternativamente que o indivíduo desenvolve um modelo interno dinâmico da relação de vinculação, uma vez que aquilo que é interiorizado por si é uma representação generalizada da totalidade dos eventos experienciados no seio da relação, pelo que diferentes relações são representadas de forma distinta (Main et al., 1985), desenvolvendo-se para cada uma delas modelos internos dinâmicos diferentes (Collins & Read, 1994; Feeney & Noller, 1996).

Com base na consideração de que o indivíduo desenvolve múltiplos modelos internos dinâmicos, Collins e Read (1994) defendem que os mesmos estariam estruturados num formato de rede, organizada hierarquicamente. Segundo estes autores, nos níveis superiores da hierarquia encontrar-se-iam os modelos representacionais mais gerais do *self* e dos outros, formados a partir dos padrões relacionais com as figuras de vinculação, nos níveis intermédios estariam os modelos relativos a tipos específicos de relações (e.g. relações de amizade ou amorosas), e num nível inferior da hierarquia estariam os modelos relativos a relações e pessoas específicas (como os amigos ou companheiro conjugal atual) (Collins & Read, 1994). Embora os vários modelos internos dinâmicos que integram esta hierarquia sejam conceptualmente distintos, considera-se que estes estejam interligados por um conjunto de associações e que partilhem vários elementos comuns (Collins, Guichard, Ford & Feeney, 2004; Collins & Read, 1994).

Uma vez organizados, os modelos internos dinâmicos tendem a operar de forma inconsciente e relativamente automática, tornando-se desta forma resistentes à mudança

(Feeney & Noller, 1996; Collins & Read, 1994; Bowlby, 1988). Não obstante a estabilidade dos modelos internos dinâmicos, Bowlby (1973, 1980) salvaguarda a possibilidade de mudança e reelaboração destes construtos, considerando que estes evoluem no sentido de uma complexificação e sofisticação crescentes, contribuindo para tal o próprio processo de desenvolvimento cognitivo-emocional do indivíduo, as modificações e transições no ciclo de vida (Feeney & Noller, 1996; Soares, Martins & Tereno, 2007), a influência exercida pelo estabelecimento de novas relações de vinculação (Bowlby, 1988; Bretherton & Munholland, 2008; Soares et al., 2007) e as reinterpretações feitas pelo indivíduo acerca de experiências passadas relacionadas com as relações de vinculação (Feeney & Noller, 1996). A possibilidade de reelaboração e revisão dos modelos internos dinâmicos reveste-se de particular importância para a compreensão e estudo da vinculação na idade adulta.

A transição para a idade adulta caracteriza-se por diversas tarefas específicas com as quais o indivíduo vai sendo confrontado ao longo do seu percurso desenvolvimental, destacando-se o estabelecimento da autonomia e da intimidade (Faria et al., 2007). Se o alcance da autonomia implica um processo de diferenciação do *self* face aos pais e aos outros, por sua vez, ao processo de construção de intimidade está subjacente a partilha e interdependência no contexto das relações íntimas, sejam elas de amizade ou amorosas (*idem*). O equilíbrio entre a construção da autonomia e da intimidade é fundamental para que o indivíduo possa assumir novas tarefas desenvolvimentais, tais como a sua inserção numa atividade profissional, o estabelecimento de relações íntimas e a parentalidade (*ibidem*). Esta dinâmica entre a autonomia e partilha do *self* (Cassidy, 2001) exige a flexibilidade e maleabilidade dos modelos internos dinâmicos, assumindo assim uma função facilitadora do processo adaptativo do indivíduo à idade adulta. A possibilidade de mudança dos modelos internos dinâmicos ao longo do ciclo de vida do indivíduo remete-nos para um dos princípios base da teoria da vinculação, onde a relação da criança com as figuras de vinculação é vista como uma matriz segundo a qual o indivíduo desenvolve conhecimentos, crenças e expectativas sobre o *self* e sobre os outros, que vão guiar o seu funcionamento interpessoal e influenciar o estabelecimento de relações íntimas (Faria et al., 2007; Lima, 2009;). Desta forma, os modelos internos dinâmicos podem ser concebidos como importantes metáforas conceptuais para a compreensão do ciclo desenvolvimental do indivíduo (Lima, 2009).

A complexidade das tarefas desenvolvimentais específicas da idade adulta e o alargamento do repertório comportamental que ocorre neste período refletem-se no desenvolvimento de métodos e procedimentos específicos para a avaliação da vinculação na idade adulta (Faria et al., 2007), nomeadamente instrumentos de cariz representacional e comportamental.

2.1. Avaliação da representação da vinculação na idade adulta

Se do ponto de vista teórico “*o movimento para o nível representacional*” proposto por Main e colaboradores (1985) sustenta a expansão do estudo da vinculação para a idade adulta, do ponto de vista empírico este alargamento é suportado pelo desenvolvimento da *Adult Attachment Interview – AAI* (George, Kaplan & Main, 1985) com vista à avaliação das diferenças individuais na representação da vinculação através da análise da organização discursiva e das narrativas (Faria et al., 2007; Main et al. 1985; Soares, 2007). A *AAI* é uma entrevista semiestruturada do tipo clínico e de caráter biográfico que foca as experiências de vinculação dos indivíduos na sua infância e a forma como estes as avaliam e interpretam no momento atual (Crowell & Treboux, 1995; Hesse, 2008; Lima, 2009; van IJzendoorn, 1995). Ao apelar à recordação de experiências relacionais ocorridas na infância com as figuras de vinculação, a *AAI* visa a ativação do sistema de vinculação, constituindo-se como uma oportunidade privilegiada para examinar a forma como o indivíduo se confronta com a temática da vinculação e como integra as suas memórias específicas no âmbito mais geral deste tipo de relações (Soares, 1996). Ainda neste sentido, através da *AAI* não se pretende avaliar o conteúdo das narrativas do entrevistado, mas sim a sua representação atual no que se refere à vinculação (Main et al., 1985; Soares 1996).

Existindo vários sistemas de cotação da *AAI*, destaca-se pela sua importância histórico-conceitual e metodológica (Lima, 2009), o sistema original de cotação proposto por Main e Goldwin (1984/1998), o qual permite identificar três categorias de classificação semelhantes àquelas identificadas através da *Situação Estranha* (Soares, 2007), nomeadamente: *Seguro/Autónomo*, *Inseguro/Desligado* e *Inseguro/Preocupado*.

A categoria *segura/autónoma* inclui os sujeitos que valorizam as relações de vinculação, reconhecendo objetivamente a influência das mesmas no seu desenvolvimento pessoal (Faria et al., 2007; Soares, 1996). Estes indivíduos evidenciam narrativas coerentes e a descrição que fazem da relação com a figura de vinculação é suportada por memórias episódicas convincentes e relevantes, não sendo contradita ao longo da entrevista por avaliações ou apreciações mais gerais (Soares; 1996). Ao nível da representação atual da vinculação, os indivíduos classificados como seguros/autónomos mostram-se capazes de realizar uma reflexão integradora das experiências e relações de vinculação, tanto das negativas como das positivas (Faria et al., 2007; Soares, 1996).

Os indivíduos classificados como *inseguros/desligados* caracterizam-se por aparentemente recorrerem a uma estratégia de desativação do sistema de vinculação (Bowlby, 1980; Soares 2000). As descrições que fazem da sua relação com as figuras de vinculação são caracterizadas pela idealização dessas figuras e das relações com elas

estabelecidas (Faria et al., 2007, Soares, 2000). No que se refere à representação atual da vinculação, através da afirmação de independência, invulnerabilidade e normalidade, estes indivíduos procuram desvalorizar ou reduzir a importância das relações de vinculação na sua vida e rejeitam a influência das mesmas no seu desenvolvimento (Faria et al., 2007; Soares, 2000).

Os indivíduos incluídos na categoria *insegura/preocupada* caracterizam-se pela confusão, incoerência e não-objetividade na análise das relações de vinculação e da sua influência na história desenvolvimental, parecendo permanecer presos a experiências passadas e não se mostrando capazes de as incorporar num todo coerente (Soares, 2000; 1996). As suas entrevistas evidenciam o recurso a uma estratégia de hiperativação do sistema de vinculação (Soares, 2000), caracterizando-se por serem confusas, extensas e excessivamente detalhadas, alternando de forma inconsistente entre apreciações positivas e negativas das experiências de vinculação (*idem*). Ao nível da representação atual da vinculação, verifica-se um certo emaranhamento nas relações passadas, sendo incapazes de refletir objetivamente sobre as mesmas e de diferenciar e avaliar o papel do *self* no contexto relacional (Faria et al., 2007; Soares, 1996).

Posteriormente, Main e Goldwin (1984/1998) acrescentaram a estas três categorias um estatuto denominado por *não-resolvido/desorganizado* perante episódios traumáticos associados a experiências de perda ou de abuso (Faria et al., 2007; Hesse, 2008; Soares, 2000). Nas entrevistas destes indivíduos evidenciam-se frequentemente lapsos na monitorização do discurso, ou desorganização do pensamento aquando da análise dessas experiências (Hesse, 2008; Soares, 2000). Por fim, importa salientar que aquelas entrevistas que não podem ser classificadas com base no sistema de cotação original da *AAI* são designadas por *CC (cannot classify)* (Hesse, 2008).

Bakermans-Kranenburg e van IJzendoorn (2009) realizaram uma análise dos estudos empíricos publicados até 2008, nos quais foi utilizada a *AAI* e o sistema original proposto por Main e Goldwin (1984/1996) para a sua cotação. De uma forma geral, os resultados obtidos permitem verificar que globalmente, isto é, considerando simultaneamente a amostra clínica e não-clínica, a categoria *seguro/autónomo* é a mais representada (46%), à qual se segue a categoria *desligado* (34%) e, por fim, a categoria *preocupado* (20%).

A *AAI* tem-se revelado como um importante recurso em várias vertentes do estudo da organização e representação da vinculação na idade adulta (Soares, 2000; 1996). De uma forma geral, e segundo uma sistematização apresentada por Soares (1996), esta entrevista tem sido utilizada em vários estudos (e.g. Main et al., 1985; van IJzendoorn, 1995;

Soares, 1996) sobre a transmissão intergeracional da vinculação, cujos resultados indicam associações significativas entre o padrão de organização da vinculação da figura parental, avaliado pela *AAI*, e o padrão da organização comportamental da vinculação do(a) filho(a), avaliado através do procedimento *Situação Estranha*. A *AAI* também se tem revelado particularmente relevante nos estudos que incidem sobre a representação da vinculação em jovens e adultos (e.g. Bouthillier, Julien, Dubé, Bélanger & Hamelin., 2002), os quais têm constatado uma associação positiva entre a organização da vinculação e diversas variáveis do funcionamento psicológico como a regulação emocional, competência social, qualidade e satisfação nas relações interpessoais, entre outras (Faria et al., 2007). Para além disto, a *AAI* tem sido utilizada no estudo da organização da vinculação no contexto das relações íntimas de cariz amoroso (e.g.; Crowell et al. 2002; Crowell, Fraley & Shaver, 2008; Holland & Roisman, 2010; Lima, 2009; McCarthy & Maughan, 2010; Roisman, Madsen, Hennighausen, Sroufe & Collins, 2001; Waters & Cummings, 2000), sugerindo os resultados que a qualidade da organização da vinculação está relacionada com a qualidade relacional ao nível, por exemplo, dos comportamentos observados na interação diádica (Crowell et al., 2008).

3. Vinculação e relações íntimas na idade adulta

De acordo com a teoria da vinculação, as relações de vinculação estabelecidas na infância constituem-se como sendo prototípicas das relações íntimas estabelecidas na idade adulta (Hazan & Shaver, 1987). Neste sentido, com base no construto dos modelos internos dinâmicos, é a partir das experiências de vinculação da infância que se desenvolvem um conjunto de expectativas e crenças que regularão e orientarão os comportamentos de vinculação, o que por sua vez poderá influenciar o desenvolvimento social do indivíduo e as suas relações interpessoais (Bowlby, 1973; Cassidy, 2001; Roisman, Collins, Sroufe & Egeland, 2005; Roisman et al., 2001). Embora as relações estabelecidas na infância possam constituir-se como modelos a partir dos quais são estabelecidas as relações íntimas na idade adulta, Bowlby considera que estas apenas se encontram probabilisticamente associadas, viabilizando assim a possibilidade de descontinuidade entre a organização comportamental da vinculação na infância e a representação da vinculação na idade adulta (Waters, Hamilton & Weinfield, 2000; Waters, Weinfield & Hamilton, 2000). Desta forma, o modo como o indivíduo vai construindo as suas experiências de vinculação ao longo da sua trajetória desenvolvimental é influenciada não apenas pelas experiências precoces da infância, mas também pelas posteriores experiências relacionadas com a vinculação que vão ocorrendo ao longo da sua vida (Waters, Weinfield & Hamilton, 2000).

Embora as funções e dinâmicas do sistema comportamental de vinculação sejam perspectivadas como semelhantes ao longo da trajetória desenvolvimental dos indivíduos, existem diferenças qualitativas significativas entre as relações de vinculação na infância e na idade adulta (Zeifman & Hazan, 2008), sobretudo no que diz respeito à sua reciprocidade e simetria. Assim, na infância verifica-se uma complementaridade e assimetria de papéis relativamente à procura e prestação de cuidados, estando presente uma verticalidade na orientação da prestação de cuidados, isto é, apenas a figura de vinculação assume o papel de proporcionar conforto e segurança (Hazan & Shaver, 1994). Por outro lado, é expectável que as relações de vinculação na idade adulta sejam pautadas por uma reciprocidade ao nível dos cuidados, caracterizada pelo balanceamento contínuo e flexível entre o procurar e o prestar segurança e conforto, ou seja, entre o recorrer ao outro como base segura e perante ele constituir-se como tal (Lima, Vieira & Soares, 2006). Desta forma, a assimetria, complementaridade e verticalidade que caracterizam a procura e prestação de cuidados na infância são substituídas pela simetria, reciprocidade e horizontalidade que se evidenciam nas relações de vinculação na idade adulta (*idem*). Em acréscimo, o estabelecimento de relações íntimas na idade adulta implica a ampliação do repertório comportamental do indivíduo, passando a integrar, para além dos sistemas de vinculação e de exploração, os sistemas de prestação de cuidados e sexual (Fraley & Shaver, 2000; Hazan & Shaver, 1987; Waters & Cummings, 2000).

Decorrente dos trabalhos de Hazan e Shaver (1987), as relações amorosas na idade adulta passam a ser conceptualizadas enquanto relações de vinculação, sendo estabelecidos paralelismos entre as relações de vinculação na infância e as relações íntimas na idade adulta, nomeadamente no que se refere às emoções e comportamentos que se manifestam no seio dessas relações e que evidenciam dinâmicas semelhantes. Assim, ao percepcionar o companheiro como acessível e responsivo, o indivíduo utiliza-o como base segura, a partir da qual explora o mundo que o rodeia, e como refúgio seguro, fonte de segurança e conforto perante situações percebidas como ameaçadoras ou perturbadoras (Fraley & Shaver, 2000; Hazan & Shaver, 1990). De facto, a noção de base segura assume-se como central no contexto das relações íntimas na idade adulta, uma vez que a representação do outro como tal confere ao indivíduo a perceção e experiência de segurança, pertença e partilha que, segundo Cassidy (2001), consubstancia o estabelecimento da intimidade.

A intimidade constitui-se como um elemento fulcral nas relações de amizade e nas relações amorosas na idade adulta e, de acordo com Collins e Sroufe (1999 *cit. in* Vieira, 2008), envolve aspetos motivacionais, emocionais e comportamentais que se manifestam na procura e valorização da proximidade com o outro, na aceitação e partilha de emoções e

experiências, na procura e prestação de cuidados, e na sensibilidade relativamente ao bem-estar do outro. À luz da teoria da vinculação, Cassidy (2001) estabeleceu quatro capacidades básicas para o desenvolvimento da intimidade: (i) capacidade de procurar cuidados; (ii) capacidade de prestar cuidados; (iii) conforto com a autonomia; e (iv) capacidade de negociação.

No que diz respeito à capacidade de procurar cuidados, esta corresponde ao que na teoria da vinculação é denominado por sistema comportamental de vinculação e inclui um conjunto de comportamentos que, sendo ativados fundamentalmente perante situações de ameaça, visam a obtenção ou manutenção de proximidade com a figura de vinculação. Esta capacidade é importante para o desenvolvimento da intimidade, uma vez que implica a partilha de sentimentos e o reconhecimento da necessidade de cuidados (Cassidy, 2001).

Por sua vez, a capacidade de prestar cuidados inclui o reconhecimento das necessidades de conforto e cuidado do outro, aceitando-as com abertura e flexibilidade e desenvolvendo estratégias e comportamentos que visem a satisfação das mesmas (*idem*). Os resultados de vários estudos realizados à luz da teoria da vinculação e acerca da prestação de cuidados no contexto das relações românticas na idade adulta (e.g. Collins & Feeney, 2000; Simpson, Rholes & Nelligan, 1992) indicam que a capacidade dos indivíduos para proporcionar cuidado e conforto aos seus companheiros se associa à segurança na representação da vinculação do próprio, sendo os indivíduos classificados como seguros mais sensíveis, responsivos e disponíveis perante os sinais de *distress* dos companheiros (Cassidy, 2001).

Segundo Cassidy (2001), a autonomia é também fundamental para o estabelecimento de relações íntimas na idade adulta, realçando a autora a importância de o indivíduo se sentir confortável com a autonomia do companheiro e do *self*. Desta forma, a autonomia expressa-se pela capacidade do indivíduo experienciar crescimento pessoal no seio da relação, havendo lugar para a expressão dos desejos e objetivos do *self* (Vieira, 2008). À luz da teoria da vinculação, considera-se que um padrão de vinculação seguro facilita o conforto com a autonomia, uma vez que o facto de a figura de vinculação ser representada como acessível e responsiva permite que o indivíduo se sinta mais confortável e seguro na exploração autónoma de contextos para além da relação (Cassidy, 2001).

Por fim, a capacidade de negociação é também considerada uma competência fundamental no âmbito das relações íntimas na idade adulta. Neste contexto, considerando que os indivíduos apresentam necessidades distintas no que se refere ao grau de proximidade com os companheiros, para Cassidy (2001), a capacidade de negociar abertamente este nível de proximidade é sinónimo da capacidade para estabelecer relações

íntimas. Para além disto, numa relação íntima, a capacidade de negociação envolve a colaboração entre os membros da díade no processo de tomada de decisões que sejam tidas como satisfatórias para ambos e na resolução de conflitos. Sob a matriz da teoria da vinculação, vários estudos foram realizados focando a negociação no contexto das relações amorosas na idade adulta (e.g. Feeney, Noller & Callan, 1994 *cit in*. Feeney & Noller, 1996), cujos resultados indicam associações entre a segurança na vinculação e uma melhor capacidade de negociação (Cassidy, 2001). Por exemplo, num estudo realizado com casais numa situação de noivado, Roisman e colaboradores (2007) constataram que à segurança da vinculação avaliada pela *AAI* em ambos os elementos do casal, se associam níveis mais elevados de colaboração nas interações observadas, nomeadamente no que diz respeito à capacidade de negociação perante conflitos moderados surgidos no seio da relação.

3.1. Avaliação das relações íntimas numa perspetiva da teoria da vinculação

Nos últimos anos, a investigação sobre a vinculação no contexto das relações íntimas de cariz amoroso na idade adulta tem adotado duas linhas metodológicas distintas (embora complementares) (Faria et al., 2007; Lima, 2009): a primeira dirige-se à avaliação da representação da relação íntima em cada elemento do casal, recorrendo a medidas de cariz representacional que realçam a qualidade da organização da representação da relação, enquanto a segunda linha metodológica foca a avaliação da qualidade da interação diádica através de medidas comportamentais (Faria et al., 2007).

3.1.1. Avaliação da representação das relações íntimas

Impulsionado pelo pioneirismo da *AAI*, o estudo sobre a representação das relações íntima de cariz romântico na idade adulta tem prestado particular atenção à forma com esta representação é moldada pelas experiências de vinculação na infância (Lima, 2009).

A *Current Relationship Interview – CRI* (Crowell, 1990) é uma entrevista semi-estruturada e que visa a avaliação da qualidade da representação das relações íntimas estabelecidas na idade adulta, com base na representação do *self* e do outro no contexto relacional, sendo o companheiro assumido como figura de vinculação (Lima, 2009). O processo de cotação desta entrevista, na qual é solicitado aos indivíduos que façam uma descrição breve de relações anteriores e uma descrição da sua atual relação, é realizado com base na transcrição das respostas dos entrevistados e destaca a qualidade na organização da narrativa (ao nível semântico e episódico), viabilizando assim a classificação da entrevista de acordo com os padrões de organização da vinculação equivalentes aos identificados na *AAI*, nomeadamente, *Seguro*, *Preocupado* e *Desligado* (*idem*). A *CRI* tem

sido vastamente utilizada em vários estudos que focam questões relacionadas com a estabilidade e mudança na organização da vinculação (e.g. Roisman et al., 2005), com o impacto da parentalidade na qualidade das relações íntimas (Tereno, 2008), e com a articulação entre a dimensão representacional e o comportamento do indivíduo na relação (e.g. Haydon, Collins, Salvatore, Simpson & Roisman, 2012; Roisman et al., 2005).

A *Intimate Relationship Interview – IRI* (Lima, Soares, Vieira & Collins, 2005) é uma entrevista semiestruturada que visa a avaliação da representação da relação íntima por parte de cada membro do casal, analisando a forma como o indivíduo organiza, integra e atribui significado às experiências ocorridas no contexto da relação (Faria et al., 2007; Lima, 2009). O protocolo desta entrevista foca cinco domínios que, à luz da teoria da vinculação, são relevantes para a compreensão da especificidade das relações íntimas, mais concretamente regulação emocional, intimidade sexual, capacidade de prestar cuidados, capacidade de procurar cuidados e base segura. A sua avaliação assenta em dois níveis de análise. O nível semântico, que visa avaliar a forma como o indivíduo descreve as suas experiências e as avaliações e interpretações que realiza sobre as mesmas e o nível episódico, centrado na capacidade de o indivíduo sustentar as suas descrições recorrendo a acontecimentos específicos e relevantes na sua relação (Faria et al., 2007; Lima, 2009). O processo de cotação da *IRI* é realizado a partir da transcrição das entrevistas que são gravadas em áudio e é realizado nas seguintes dimensões: integração emocional, procura de cuidados, prestação de cuidados, intimidade sexual, equilíbrio indivíduo/relação, idealização e coerência (Lima, 2009; Lima et al., 2006).

Num estudo realizado por Lima (2009) com 40 casais heterossexuais e que visava analisar a relação estabelecida entre o modelo interno geral da vinculação, o modelo interno específico relativo à relação íntima e o comportamento diádico, verificou-se que a qualidade da representação da vinculação (avaliada pela *AAI*) está associada à qualidade da representação da relação íntima (avaliada pela *IRI*), tendo também sido constatada a interdependência da representação da relação íntima de um indivíduo face à representação da relação pelo companheiro.

3.1.2. Avaliação da interação diádica

Inserida na segunda linha de investigação referida anteriormente, a avaliação da interação diádica no contexto das relações íntimas assenta na observação da relação do casal durante a realização de tarefas desafiantes, destinadas à avaliação de comportamentos diádicos de expressão e regulação emocional, negociação, resolução de

conflitos e de comportamentos específicos de vinculação, mais concretamente de base segura e de prestação e procura de cuidados (Lima, 2009). Nestas tarefas, é tipicamente solicitado ao casal que discuta um assunto problemático experienciado no seio da relação ou por um dos elementos do casal fora desse contexto (e.g. Collins & Feeney, 2000; Crowell et al., 2002; Haydon et al., 2012; Lima, 2009; Roisman et al., 2005; Roisman et al., 2001; Wampler, Shi, Nelson & Kimball, 2003;), visando a ativação do sistema de vinculação, tal como ocorre em medidas representacionais como a *AAI*. Mais do que se centrar sobre as particularidades de cada membro da díade e a frequência de determinados comportamentos, o foco da avaliação da interação diádica dirige-se sobretudo à qualidade e extensão da comunicação entre os elementos da díade, atendendo a comportamentos verbais e não verbais (Lima, 2009). O estudo das relações de vinculação na idade adulta, com recurso a metodologias observacionais e que procuram a ativação do sistema de vinculação constitui-se como um retorno às metodologias utilizadas na fase inicial da teoria da vinculação, nomeadamente o procedimento laboratorial *Situação Estranha* desenvolvido por Ainsworth, que através da observação da interação entre a criança e a mãe em situações indutoras de *stress* moderado visavam a avaliação das diferenças individuais na organização comportamental da vinculação.

O início da utilização destas metodologias de cariz observacional e que recorrem à ativação do sistema de vinculação no estudo das relações íntimas na idade adulta pode ser atribuído ao trabalho desenvolvido por Simpson, Rholes e Nelligan (1992). Estes autores procuraram avaliar de que forma a organização da vinculação influencia a interação espontânea e diretamente observável entre os elementos do casal, recorrendo a um procedimento através do qual era induzido *distress* ao elemento feminino da díade e que visava a ativação do sistema de vinculação. A cotação da interação do casal foi realizada com base nos comportamentos de procura de apoio evidenciados pela mulher e na disponibilidade e responsividade do elemento masculino relativamente à prestação de cuidados, tendo sido constatado que os indivíduos classificados como seguros evidenciavam mais comportamentos de procura e prestação de cuidados do que os indivíduos evitantes (Simpson et al., 1992).

Vários são os sistemas de cotação desenvolvidos para avaliar e classificar os comportamentos observados durante a interação diádica. O mais antigo e mais amplamente utilizado destes sistemas é o *Marital Interaction Coding System – MICS* (Hops, Wills, Weiss & Patterson, 1972) que, atendendo a 40 comportamentos discretos específicos organizados em categorias previamente estabelecidas, visa uma avaliação micro do comportamento diádico observado. Este sistema de codificação foi sendo alvo de várias revisões, sendo de destacar a sua quarta versão. Nesta, as referidas categorias dão lugar a categorias mais

amplas e que, após análise fatorial, permitem a agregação dos comportamentos discretos em quatro fatores: (i) hostilidade, (ii) discussão construtiva do problema, (iii) humor, e (iv) responsabilidade (Heyman, Weiss, Eddy & Vivian, 1995 *cit. in* Lima, 2009). O desenvolvimento deste sistema conduziu à concepção do *Rapid Marital Interaction Coding System – RMICS* (Heyman & Vivian, 2000), caracterizado por uma maior simplicidade e por visar uma avaliação macro do comportamento observado, estando as suas escalas de avaliação organizadas em função de comportamentos diádicos positivos, negativos e neutros (Heyman, 2004; Heyman & Vivian, 2000 *cit. in* Lima, 2009).

Outros sistemas de cotação destinados à classificação e avaliação dos comportamentos observados ao longo da interação diádica incluem, por exemplo, o *Couple Interaction Rating System - CIRS* (Heavey, Gill & Christensen, 1996), destinado à avaliação da estratégia exigência-isolamento no processo de resolução de conflito, e o *Secure Base Scoring System – SBSS* (Crowell, Pan, Gao, Treboux & Waters, 1998) que visa a avaliação de cada um dos elementos da díade no que diz respeito à ativação do sistema de procura e prestação de cuidados ao longo de uma interação de aproximadamente 15 minutos de duração, na qual é pedido ao casal que identifique um tópico que seja gerador de discórdia na relação e que procure alcançar uma solução consensual (Lima, 2009).

No que diz respeito ao *SBSS*, a sua adequabilidade e validade na avaliação dos comportamentos de base segura em casais foi demonstrada num estudo realizado por Crowell e colaboradores (2002) a partir de uma amostra de 157 casais em situação de noivado, sendo que a interação diádica de cada casal foi cotada de forma cega por dois grupos de juízes: um grupo com treino específico na cotação do *SBSS* e outro grupo com formação na cotação do *RMICS*. Os resultados deste estudo revelaram a existência de correlações positivas entre a procura e a prestação de cuidados, avaliadas pelo *SBSS*, e as escalas de comportamentos diádicos positivos avaliados pelo *RMICS* (*idem*). Inversamente, constataram-se também correlações negativas significativas entre os comportamentos de procura e prestação de cuidados avaliados pelo *SBSS* com as escalas de comportamentos diádicos negativos avaliados pelo *RMICS* (Crowell et al., 2002; Lima, 2009). Para além disto, verificou-se que os resultados obtidos no *SBSS* estavam significativamente relacionados com outros aspetos importantes inerentes à relação de casal (e.g. felicidade associada ao relacionamento, agressividade verbal e física de ambos os elementos da díade e dedicação). Os autores deste estudo concluem chamando a atenção para a utilidade e necessidade da avaliação dos comportamentos de base segura no domínio das relações íntimas na idade adulta, destacando a importância de tais comportamentos para a estabilidade e bom funcionamento das relações amorosas e como complementos na intervenção realizada com casais cuja relação evidencie sinais de *distress* (Crowell et al.,

2002), posicionamento este que, atendendo aos objetivos do nosso estudo, nos parece ser da maior relevância.

A *Couples Interaction Task - CIT* (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998) é um procedimento de observação e avaliação da interação diádica durante a realização de uma tarefa desafiante e que se dirige à ativação do sistema de vinculação (Lima, 2009). Esta tarefa envolve dois momentos distintos: um primeiro momento que apela à resolução de conflitos e à capacidade de negociação dos membros do casal de modo a alcançarem uma solução para o principal problema da relação (selecionado previamente a partir de uma lista pré-definida) e que seja satisfatória para ambos, e um segundo momento onde é proposto que a díade realize uma tarefa colaborativa com vista à descrição de uma casal perfeito/ideal (*idem*). O processo de cotação da *CIT* compreende a análise de comportamentos partilhados de regulação e expressão de afecto, negociação e resolução de conflitos, e de comportamentos característicos das relações de vinculação, mais especificamente comportamentos de base segura e de procura ou prestação de cuidados (*idem*). No estudo realizado por Lima (2009) com 40 casais heterossexuais e que incluiu o estudo das propriedades psicométricas da *CIT*, procedeu-se a uma análise de *clusters* (*TwoStep*), sendo que desta análise forçaram-se três categorias denominadas de acordo com as características do comportamento diádico observado. Assim, um grupo de casais manifestou uma interação designada como *Emaranhada*, caracterizada por uma qualidade global da interação avaliada como baixa, evidenciando tonalidade emocional negativa elevada e dificuldades no balanceamento entre as necessidades da relação e as de cada elemento da díade (*idem*). Num outro grupo, a qualidade geral da interação foi avaliada como abaixo da média, evidenciando estas díades tonalidade emocional negativa média/baixa e uma capacidade média de equilibrar as necessidades da relação e as de cada elemento do casal. A interação destes casais foi designada por *Distanciada* (*ibidem*). Por fim, foi identificado um terceiro grupo com uma interação designada por *Balanceada*, caracterizada por uma avaliação elevada da qualidade global da interação e por uma elevada capacidade em equilibrar as necessidades do próprio e as da relação (*ibidem*).

Tendo em consideração que o estabelecimento da intimidade assenta na “partilha do self” (Cassidy, 2001) e na sua projecção para uma dimensão relacional (Lima, 2009), será pertinente salientar que mais do que centrar a investigação sobre as relações de vinculação na idade adulta numa das abordagens metodológicas apresentadas acima, importa que a investigação articule tais metodologias de forma a alcançar uma visão abrangente e integradora da complexidade das relações íntimas neste período do ciclo desenvolvimental dos indivíduos (*idem*).

Face ao exposto, no âmbito de um projeto longitudinal que focava o desenvolvimento normativo e atípico dos filhos primogénitos de mães pertencentes a uma população de risco (i.e. condições de pobreza), Roisman e colaboradores (2001) realizaram um estudo com 73 casais heterossexuais com uma relação de duração superior ou igual a 4 meses, no qual procuraram verificar se a representação das experiências com os pais ocorridas na infância prediziam diferenças no comportamento diádico observado no contexto de uma relação amorosa. Os resultados deste estudo revelaram associações significativas entre a qualidade da representação das relações de vinculação com os pais (avaliada aos 19 anos com recurso à AAI) e a qualidade da interação diádica com os companheiros amorosos (avaliada entre os 20-21 anos de idade utilizando a *CIT*), sendo que os indivíduos classificados como seguros na AAI evidenciaram um processo relacional mais positivo com os companheiros (Roisman et al., 2001). Em acréscimo, este estudo revelou ainda que a qualidade da interação pai-criança (observada aos 13 anos de idade) estava correlacionada com a qualidade dos processos observados na interação diádica com o companheiro da relação amorosa (*idem*).

O sistema de cotação da *CIT* tem sido alvo de várias alterações/adaptações, consoante o enfoque dos estudos nos quais é utilizada como medida (Lima, 2009). Exemplo disto mesmo é o trabalho realizado por Ostrov e Collins (2007), cujo objetivo consistia em analisar o papel das experiências sociais precoces (i.e. interações com os pares na infância) e dos índices de ajustamento na infância enquanto preditores dos comportamentos não-verbais de poder observados no contexto de uma relação amorosa na idade adulta. Neste estudo longitudinal, para além de seis das dez escalas propostas na versão original da *CIT* (Afecto Positivo, Afecto Negativo, Hostilidade, Raiva, Resolução de Conflito e Avaliação Global da Qualidade da Relação), foram utilizadas duas escalas adicionais que se destinavam à avaliação de comportamentos caracterizados pela elevação do tom de voz e agressividade física, observados em cada um dos elementos da díade (*idem*). De uma forma geral, os resultados deste estudo indicam que, tanto para os homens como para as mulheres, o comportamento precoce manifestado na interação com os pares se associa ao comportamento observado na relação amorosa na idade adulta (*ibidem*). Em acréscimo, constatou-se também que os comportamentos não-verbais de poder se associam a uma pior qualidade global da relação amorosa, a índices mais elevados de conflito e a maior agressividade física e verbal entre os elementos do casal (*ibidem*). Importa também referir que neste estudo todas as escalas da *CIT* utilizadas se encontravam correlacionadas, oscilando entre associações moderadas e elevadas (*ibidem*).

Por sua vez, num estudo que visava replicar os resultados obtidos por Treboux e colaboradores (2004 cit. in Haydon, 2008), Haydon (2008), procurou compreender de que

forma o funcionamento diádico de um casal (avaliado pela *CIT*) era influenciado pela configuração entre a representação atual do indivíduo relativamente à vinculação (avaliada pela *AAI*) e a representação da relação íntima atual (avaliada pela *CRI*). Com base nas classificações obtidas nas medidas representacionais, a autora distribuiu os participantes por quatro grupos, nomeadamente (i) *Inseguro_{AAI} / Inseguro_{CRI}*; (ii) *Inseguro_{AAI} / Seguro_{CRI}*; (iii) *Seguro_{AAI} / Inseguro_{CRI}*; e (iv) *Seguro_{AAI} / Seguro_{CRI}*, os quais realizaram posteriormente as tarefas contempladas pela *CIT*. De uma forma geral, os resultados deste estudo revelam que quando comparado com o grupo *Inseguro_{AAI} / Inseguro_{CRI}*, os indivíduos do grupo *Seguro_{AAI} / Seguro_{CRI}* apresentam uma interação diádica mais positiva com o companheiro(a), obtendo classificações mais elevadas nas escalas de *Base Segura*, de *Resolução de Conflitos* e da *Avaliação Global da Relação* (Haydon, 2008). Inversamente, este mesmo grupo obteve pontuações mais baixas nas escalas de *Raiva*, *Hostilidade* e *Afeto Negativo* (*ibidem*). De salientar que os dois grupos referidos não apresentaram diferenças significativas ao nível da partilha de *Afecto Positivo* (*ibidem*). A autora verificou ainda que entre os indivíduos com representações inseguras das experiências passadas de vinculação (*Inseguro_{AAI}*), aqueles classificados como *Seguro_{CRI}* apresentam em todas as dimensões avaliadas uma interação diádica mais positiva do que aqueles classificados com *Inseguro_{CRI}*. Por outro lado, nos grupos classificados como *Seguro_{AAI}*, tanto os indivíduos *Seguro_{CRI}* como os *Inseguro_{CRI}* evidenciaram interações diádicas muito similares, verificando-se apenas uma pequena diferença na escala de *Raiva*, na qual o grupo *Seguro_{AAI} / Inseguro_{CRI}* apresentou uma classificação ligeiramente superior (*ibidem*). Por fim, importa também referir que entre os grupos *Inseguro_{AAI} / Seguro_{CRI}* e *Seguro_{AAI} / Seguro_{CRI}* não se verificaram diferenças significativas em nenhuma das dimensões avaliadas na interação diádica (*ibidem*). O estudo de Haydon (2008) realça a influência conjunta que os modelos internos dinâmicos gerais e os modelos internos específicos têm sobre a organização dos comportamentos observados na interação diádica de casais, sendo no entanto importante referir que o mesmo incluiu os resultados da *AAI* de apenas um dos elementos da díade, pelo que não foi possível concluir acerca do modo como a interação diádica do casal é moderada pelos modelos internos dinâmicos gerais de ambos os elementos da díade (*idem*).

No contexto português, os resultados encontrados por Lima (2009) num estudo a que já tivemos oportunidade de aludir e que privilegia também a articulação entre medidas representacionais e comportamentais, realçam que a representação da relação íntima (avaliada pela *IRI*) está associada à interação diádica do casal (avaliada pela *CIT*), tendo sido constatado que a capacidade de manifestar opiniões e simultaneamente aceitar as do companheiro e atender às suas necessidades, estão associadas narrativas coerentes sobre

a relação, nas quais o outro surge representado como disponível e acessível. A esta representação associam-se comportamentos onde a resolução de conflitos e o processo de negociação é classificado como sendo equilibrado e satisfatório (*idem*). Por outro lado, indivíduos com um modelo interno dinâmico específico desligado ou emaranhado evidenciam, ao nível comportamental, rigidez e falta de reciprocidade no que se refere à procura e prestação de cuidados, assim como dificuldades na regulação emocional (*ibidem*). Este estudo concluiu também que o comportamento diádico é igualmente influenciado pelo padrão de vinculação, verificando-se que indivíduos avaliados como seguros evidenciam um maior equilíbrio entre o prestar e procurar cuidados, um processo de resolução de conflitos mais satisfatório e um maior balanceamento entre as necessidades do próprio e as da relação (*ibidem*).

4. Teoria da vinculação e Terapia de casal

As primeiras investigações no domínio das relações conjugais focaram essencialmente as diferenças individuais dos elementos de um casal, sugerindo que a qualidade e o funcionamento da relação amorosa eram quase exclusivamente influenciados pelas características da personalidade dos indivíduos nela envolvidos (Davila, 2003). No entanto, a partir da década de 70, vários investigadores neste domínio começaram a dirigir a sua atenção para a influência de variáveis interpessoais, considerando que as características específicas e únicas que emergiam durante a interação de um casal se constituíam como elementos centrais para a compreensão das relações conjugais (*idem*). Como resultado desta mudança, durante vários anos a investigação acerca das relações conjugais incidiu sobretudo na descrição das interações observadas entre os elementos de um casal, especialmente dos comportamentos manifestados durante situações de conflito, e do seu efeito sobre a relação íntima (*ibidem*). Com base nesta perspetiva, os modelos de terapia de casal desenvolveram-se num sentido cujos objetivos principais da intervenção se centravam na capacitação dos casais com competências que lhes permitissem adotar comportamentos caracterizados pela utilização de padrões comunicacionais eficazes e de estratégias para a resolução de problemas (Davila, 2003; Johnson & Sims, 2000). Ao focarem quase exclusivamente os processos e comportamentos problemáticos envolvidos na negociação e resolução de conflitos, estes modelos marginalizam outros aspectos (fundamentais) que poderão estar na base de tais comportamentos e que contribuem para a sua manutenção (Davila, 2003). Neste sentido, Christensen e colaboradores (1995 *cit. in* Davila, 2003) sugerem que ao longo de um processo de terapia, para além dos comportamentos diretamente observáveis, deve ser efetuada uma análise funcional completa que (também) focalize os afetos e outros comportamentos mais discretos que,

emergindo durante a interação diádica, permitam uma compreensão mais aprofundada da dinâmica funcional da díade. É precisamente neste domínio que, de acordo com Davila (2003), a teoria da vinculação poderá ser de particular relevância para a terapia de casal.

A terapia de casal enquadrada numa matriz da teoria da vinculação expandiu-se significativamente a partir dos anos 80, em grande parte devido ao trabalho de Hazan e Shaver (1987), a partir do qual as relações amorosas são conceptualizadas enquanto relações de vinculação (Johnson, 2003). De facto, a aplicação da teoria da vinculação no domínio das relações conjugais forneceu aos terapeutas da área da conjugalidade um enquadramento teórico coerente, vasto, com robustez empírica e que permitiu uma maior e melhor compreensão da complexidade inerente ao funcionamento e dinâmica das relações amorosas (*idem*). Para além disto, a inclusão dos princípios da teoria da vinculação no domínio da intervenção psicoterapêutica dirigida a casais constitui-se como um valioso recurso para os clínicos, orientando-os na identificação e objectivação das principais características do relacionamento dos casais que procuram este tipo de apoio, não descuidando as diferenças individuais de cada elemento (Johnson, 2008); no estabelecimento de objetivos adequados para a intervenção; e na elaboração de um plano de intervenção eficaz e adequado às necessidades específicas de um casal (Johnson, 2003; Johnson & Sims, 2000).

Decorrente da conceptualização das relações amorosas na idade adulta enquanto relações de vinculação, não é pois surpreendente que, numa perspectiva da teoria da vinculação, o *distress* no seio das relações íntimas frequentemente se associe a fatores como o receio de um dos elementos da díade relativamente à possível rejeição por parte do outro; o desejo de uma maior proximidade e intimidade com o companheiro; e a não acessibilidade, responsividade e adequabilidade de pelo menos um dos elementos do casal perante as necessidades de conforto e segurança do outro (Davila, 2003; Johnson, 2003, 2000). Tais necessidades podem ser ativadas por situações que incluam ameaças ao ambiente físico e social do indivíduo, à própria relação íntima, e à integridade da segurança individual de cada um dos elementos da díade (e.g. problemas de saúde) (Feeney, 2008). Ainda no que diz respeito a este domínio, Clulow (2001) considera que é a natureza do contexto relacional co-construído pelos elementos de um casal que, provavelmente, mais contribui para a segurança, estabilidade e satisfação conjugal. Neste sentido, o autor considera que um dos principais motivos que leva os casais a procurarem apoio psicoterapêutico se relaciona com o facto de tal contexto relacional já não se revelar adequado para que sejam ultrapassados e resolvidos os desafios e tarefas que ambos os indivíduos têm de enfrentar enquanto casal (Clulow, 2001). Por outras palavras, a relação não se constitui como um contexto que, através de um balanceamento entre as

necessidades do indivíduo e do relacionamento, promove o desenvolvimento individual de cada um dos elementos da díade (*idem*). Assumindo ainda uma perspectiva da teoria da vinculação, o facto de numa relação íntima um dos elementos da díade não se constituir perante o outro como base segura, a partir da qual o indivíduo possa adotar comportamentos exploratórios que promovam tanto o seu desenvolvimento pessoal como o da relação, e como refúgio seguro, ao qual possa recorrer em momentos ameaçadores, é comumente apontado como um dos fatores mais fortemente associado ao *distress* no seio das relações conjugais e que leva os casais a recorrerem à terapia de casal.

Assumindo-se a noção de base segura como central no contexto das relações íntimas (Faria et al., 2007), assim como o balanceamento e complementaridade entre os comportamentos de procura e prestação de cuidados que lhe estão subjacentes, Crowell e Treboux (2001) consideram que a capacidade e a flexibilidade de cada um dos elementos do casal para alternar entre os papéis daquele que recebe ou procura cuidados são fatores fundamentais para que seja alcançado o potencial da relação enquanto base segura. Neste sentido, enquanto alguém que procura cuidados, o indivíduo deve ser capaz de sinalizar as suas necessidades de uma forma clara, consistente e precisa, e de abordar o outro no sentido de obter o apoio e ajuda de que necessita e que lhe permita reestabelecer o seu equilíbrio emocional (Crowell & Treboux, 2001). Complementarmente, o outro elemento da díade deve mostrar abertura e ser capaz de detetar os sinais do companheiro(a), reconhecendo a sua necessidade de conforto e suporte, agindo de forma adequada para que tais necessidades sejam satisfeitas (Crowell & Treboux, 2001; Davila, 2003; Davila & Kashy, 2009; Feeney & Collins, 2001). A ineficácia da procura e prestação de cuidados e/ou a não sincronia e complementaridade entre estes comportamentos poderá colocar em risco a representação do companheiro como base segura o que, como vimos, está frequentemente associado à origem e manutenção de *distress* no seio da relação conjugal (Davila & Kashy, 2009).

Atendendo à relevância que a dimensão comportamental, sobretudo os comportamentos de vinculação, assume no funcionamento das relações íntimas de cariz amoroso na idade adulta, Davila (2003) considera que uma das principais componentes da terapia de casal passa precisamente pela utilização de estratégias que visem uma maior eficácia e adequabilidade de tais comportamentos, estratégias que deverão também assumir particular relevo em programas orientados para a prevenção do *distress* conjugal. Tal é corroborado por Cobb e Bradburry (2003) quando salientam que os comportamentos de vinculação devem estar sob o foco da atenção do terapeuta de casal, uma vez que a ineficácia dos comportamentos de procura e prestação de cuidados se encontra relacionada com a insegurança ao nível da representação da vinculação no seio das relações amorosas

(Simpson et al., 1992). Desta forma, dado o carácter complementar da procura e prestação de cuidados, uma intervenção que vise a modificação dos mesmos deverá ser realizada simultaneamente junto de ambos os elementos da díade, ao invés de se centrar nos comportamentos individuais (Cobb & Bradburry, 2003; Lima, 2009). Para além dos comportamentos específicos de vinculação, a intervenção psicoterapêutica com casais deve também focar as dimensões gerais do comportamento diádico, mais concretamente os comportamentos associados à resolução de conflitos, considerando-se que tais episódios podem ser percebidos por pelo menos um dos elementos do casal como uma ameaça à segurança da relação, ativando dessa forma o sistema de vinculação (Cobb & Bradburry, 2003).

Sendo que uma interação diádica disfuncional se constitui como um dos principais indicadores de eventuais problemas no seio da relação conjugal e que as pesquisas neste domínio têm vindo a gerar informação relevante para uma maior compreensão das relações íntimas na idade adulta (Wampler et al., 2003), parece-nos pertinente o posicionamento de Wampler, Riggs e Kimball (2004) quando apontam a necessidade da utilização de medidas de cariz observacional dirigidas à avaliação da interação diádica de casais num contexto terapêutico. Ainda de acordo com estes autores, uma avaliação atenta e rigorosa da interação do casal no decorrer das sessões terapêuticas permitirá ao terapeuta redirecionar e ajustar a intervenção, para além de avaliar os progressos ocorridos ao longo da terapia (Wampler et al., 2004). No entanto, a relevância da observação da interação diádica de casais em contexto terapêutico é reforçada apenas a um nível teórico, não existindo, até ao momento, estudos que suportem empiricamente a sua pertinência e que permitam a elaboração de diretrizes a partir das quais tal avaliação possa ser operacionalizada. Precisamente neste sentido inscreve-se a pertinência da realização do presente estudo, visando-se colocar em evidência a avaliação da interação diádica de casais em processo terapia de casal enquanto recurso para a compreensão e conceptualização do distress conjugal e para o planeamento e monitorização do próprio processo psicoterapêutico.

Capítulo II

Estudo Empírico

1. Objetivos

O objetivo geral do presente estudo de caso consiste em avaliar e descrever o comportamento na interação diádica de um casal observado ao longo das sessões de um processo de terapia de casal. Mais concretamente, procura-se perceber e descrever como evoluem/se expressam ao longo da terapia os comportamentos diádicos nas dimensões base segura, prestação de cuidados, procura de cuidados e equilíbrio indivíduo/relação, como se relacionam entre si.

Desta forma, as principais questões de investigação do presente estudo podem ser apresentadas da seguinte forma:

- a) Como se caracteriza a interação diádica do casal nas dimensões tonalidade emocional, base segura (nomeadamente, comportamentos de prestação de cuidados e comportamentos de procura de cuidados), equilíbrio assertividade/auto-retraimento, equilíbrio indivíduo/relação e qualidade da relação, no decorrer das sessões de um processo de terapia de casal?
- b) Em que medida são interdependentes do ponto de vista diádico os comportamentos de procura e prestação de cuidados?
- c) De que forma é que os comportamentos inscritos na percepção da relação e do outro como base segura estão relacionados com o balanceamento entre as necessidades individuais de cada elemento do casal e as necessidades da díade?
- d) De que modo se associam os comportamentos de base segura e o equilíbrio entre as necessidades individuais de cada elemento da díade e as necessidades da relação?

2. Método

2.1 Desenho da Investigação

O presente estudo obedece a uma metodologia qualitativa do tipo estudo de caso, dado pretender-se estudar um fenómeno contemporâneo inserido num contexto real, não podendo o fenómeno em estudo ser isolado do contexto no qual ocorre (Yin, 2009). Trata-se

de um estudo de caso único e do tipo instrumental (Stake, 2005; Yin, 2009), uma vez que, assumindo um cariz descritivo e exploratório, é utilizado para promover a compreensão dos comportamentos observados na interação diádica de um casal ao longo de um processo de terapia de casal, pressupondo-se que a compreensão do caso estudado conduzirá a um melhor entendimento do mesmo fenómeno noutros casos (Stake, 2005).

2.2. Participantes

Afonso¹ – 44 anos de idade, Técnico Municipal.

Amélia¹ – 45 anos de idade, Contabilista.

O Afonso e a Amélia conheceram-se pela internet e aquando do início do processo psicoterapêutico estavam casados há três anos e meio, após cerca de um ano de namoro. Para o Afonso, este era o seu segundo casamento, tendo a sua primeira mulher falecido em 1999. O casal tinha um filho com 16 meses, sendo que do seu núcleo familiar fazia também parte um adolescente com 17 anos, fruto do primeiro casamento do Afonso.

O pedido de consulta para o casal prendeu-se com o facto de a Amélia se encontrar em processo de psicoterapia individual, durante o qual emergiu a necessidade de se iniciar um processo de terapia de casal.

2.3. Processo psicoterapêutico

O processo psicoterapêutico compreendeu um total de quatro sessões, tendo decorrido entre Janeiro e Março de 2009, numa clínica universitária de psicologia da zona norte do país. O processo terminou por *drop-out*.

Seguidamente realizar-se-á uma breve descrição de cada uma das 4 sessões, onde para além dos principais domínios abordados e atividades realizadas, apresentar-se-ão as principais conclusões dos terapeutas relativamente a cada sessão e que foram devolvidas ao casal no final de cada consulta.

Sessão Nº 1

Na sessão Nº1 foi realizada a avaliação do casal, iniciando-se este processo com a exploração da história da relação do casal, mais concretamente no que diz respeito ao modo como se conheceram, tempo de namoro e tempo de duração do casamento. Na primeira

¹ Nome fictício.

sessão procurou-se também explorar quais os motivos que levaram ao pedido de terapia de casal, bem como qual a perspectiva individual de cada elemento da díade acerca dos principais problemas existentes na relação conjugal. Assim, o pedido de consulta para o casal prendeu-se com o facto de a Amélia se encontrar em processo de psicoterapia individual, durante o qual emergiu a relevância da terapia de casal, importando porém salientar o facto de o Afonso ter concordado com o início do processo apenas porque a companheira assim o pretendia. No que diz respeito aos problemas da relação, ambos os elementos do casal apontaram a “comunicação” como sendo o principal domínio conjugal problemático, embora com perspectivas diferentes. Mais concretamente, enquanto o Afonso considerava que o problema residia na forma como ambos comunicavam (e.g. tom de voz elevado por parte da companheira), a Amélia apontava a ausência de comunicação entre ambos como sendo o principal problema da relação. Para além disto, ao longo da sessão tornou-se ainda evidente que a relação de dependência que o Afonso mantinha com a sua mãe se constituía como um problema no seio da relação conjugal (sobretudo para a Amélia), tal como o era a não concordância entre ambos relativamente a alguns aspectos relacionados com a educação do filho do Afonso. Mais concretamente, a Amélia considerava que o filho do Afonso, após a morte da mãe, tinha sido sempre muito protegido e pouco incentivado para a exploração e autonomia, sendo que os seus esforços para procurar incentivar o jovem nesse sentido frequentemente não eram bem recebidos pelo companheiro.

Na primeira sessão foram também exploradas as expectativas de cada um dos elementos do casal relativamente ao processo terapêutico e quais os aspetos que gostariam de ver modificados no comportamento do companheiro. Desta forma, o Afonso pretendia que a relação de ambos atingisse “um nível de relacionamento mais estável”, sendo que relativamente ao comportamento da companheira gostava que esta falasse de forma mais calma e que não fosse tão “explosiva”. Por sua vez, a Amélia refere que gostava que a terapia os ajudasse a comunicar mais enquanto casal, sendo para tal necessário que o Afonso expusesse mais frequentemente e mais claramente o seu ponto de vista e a sua opinião.

Por fim, foram reservados dois momentos da sessão para que cada um dos elementos do casal (i.e. sem a presença do outro na sala) pudesse referir algum tópico que não tivesse sido esclarecido diante do companheiro (i.e. devido a algum eventual constrangimento, por exemplo), bem como para explorar qual o interesse individual do Afonso e da Amélia em manterem a relação e se envolverem no processo terapêutico de forma que a mudança fosse alcançada. Assim, o Afonso afirmou que embora a Amélia se queixasse que ele não a apoiava, sentia que por mais que se esforçasse era sempre

criticado pela companheira, descrevendo-a como sendo muito exigente. O Afonso salientou também que se sentia motivado para a mudança, reconhecendo porém que tal seria um processo difícil. Por sua vez, a Amélia referiu que apenas se iria empenhar no processo terapêutico se o marido lhe demonstrasse claramente que também ele estava envolvido.

Sessão Nº 2

A sessão Nº 2 iniciou-se pedindo que cada elemento do casal referisse quais os aspectos da sessão anterior que na sua opinião foram mais significativos.

De seguida, deu-se continuidade ao processo de avaliação do casal já iniciado na sessão anterior, procurando-se detalhar mais aprofundadamente alguns aspectos relacionados com a história da relação de ambos, mais especificamente no que diz respeito às características individuais do Afonso e da Amélia que mais atraiu o(a) companheiro(a), ao conjunto de fatores que conduziu ao início da relação, e à evolução da relação até ao momento do início do processo terapêutico. A pertinência da realização desta exploração prendeu-se com a possibilidade de identificar eventuais comportamentos e características do Afonso e da Amélia que já não ocorressem/estivessem presentes na relação de ambos e que pudessem ser “reativados” numa fase posterior da intervenção (Sierra, Buela-Casal & Sánchez, 2001). Em acréscimo, procurou-se ainda explorar quais as características individuais de cada um dos elementos da díade que mais eram valorizadas pelo companheiro².

Relativamente aos aspectos mais salientes da segunda sessão e às principais informações recolhidas durante a avaliação, foi possível constatar que as características individuais do Afonso e da Amélia que no início da relação se constituíram como fonte de atração mútua se associavam a uma marcada perspetiva de complementaridade. Porém, aquando do início do processo terapêutico, as características individuais que outrora haviam sido motivo de atração eram perspetivadas por ambos os elementos da díade como sendo as principais áreas problemáticas da sua relação, existindo uma constante crítica das mesmas por parte de ambos. Na devolução realizada pelos terapeutas foi ainda salientado o facto de que os problemas do casal, para além do anteriormente exposto, pareciam efetivamente estarem a ser mantidos pelas suas dificuldades ao nível da comunicação entre

² Relativamente à realização destas atividades de exploração dos aspectos positivos da relação conjugal, parece-nos pertinente o ponto de vista de Sierra e colaboradores (2001), segundo os quais a análise mais aprofundada dos aspectos mais positivos da relação, para além de permitir a identificação de competências e características individuais que posteriormente poderão vir a ser úteis na planificação da intervenção, poderá ter por si só eventuais efeitos terapêuticos associados à transição do foco de atenção sobre os problemas e conflitos da relação para aspectos mais positivos da mesma.

ambos, sobretudo no que se refere aos aspectos que não estariam a funcionar positivamente.

Por fim, como tarefa de casa, foi pedido ao Afonso e à Amélia que individualmente registassem numa base diária os comportamentos do companheiro que, na sua perspetiva, fossem de encontro ao modo como gostariam que mesmo agisse. Por outras palavras, foi pedido a cada elemento do casal que se focasse os comportamentos do companheiro que fossem no sentido de uma mudança positiva. Em acréscimo, foi pedido ao casal que não partilhasse a informação registada um com o outro, exceto num dia da semana definido por ambos, no qual deveriam partilhar os registos efetuados, contudo sem que conversassem sobre os mesmos.

Sessão Nº 3

A sessão Nº3 iniciou-se com a análise da tarefa enviada para casa na sessão anterior, sendo importante referir que, uma vez que o Afonso e a Amélia não partilharam entre eles os seus registos individuais (tal como proposto), tal tarefa foi realizada na sessão, pedindo-se depois que cada um deles comentasse aquilo que o companheiro tinha destacado como sendo um comportamento tradutor de mudança positiva.

Grande parte da terceira sessão foi preenchida com a realização de uma atividade na qual cada um dos elementos do casal, alternadamente, deveria representar visualmente a forma como gostaria que fosse a sua relação conjugal no futuro. Tal representação seria realizada através de “estátuas humanas” (esculturas), utilizando para tal não só o próprio corpo, como também (e se assim achassem pertinente) o do companheiro e outros objetos presentes na sala. A este respeito importa destacar o facto de a Amélia ter referido não se sentir capaz de levar a cabo a sua representação, não se opondo contudo a colaborar com a do Afonso. Posto isto, após o Afonso ter concluído a sua “escultura”, foi perguntado a cada um dos elementos do casal como se sentia no futuro representado e como é que, na sua opinião, se sentia o companheiro. Posteriormente foi proposto ao casal que trocasse de posições de forma que a Amélia assumisse o papel do Afonso e vice-versa, explorando-se igualmente a forma como cada um deles se sentia ao assumir o papel do companheiro. Atendendo a que o casal valorizou a tarefa e a representação feita pelo Afonso, esta atividade terminou pedindo-se-lhes que referissem o que é que poderiam fazer a nível individual para aproximar a sua relação atual da representação feita pelo Afonso.

Relativamente à terceira sessão, será ainda pertinente salientar que a Amélia referiu o facto de o marido não ter demonstrado vontade de ir à consulta, o que, após exploração nesse sentido realizada pelos terapeutas, estava relacionado com o facto de o Afonso

considerar que não faria sentido a sessão realizar-se por terem surgido dúvidas quanto ao modo de execução da tarefa de casa.

No que se refere às tarefas para serem realizadas em casa até à sessão seguinte, uma vez que estas foram diferentes para o Afonso e para a Amélia e que cada um deles deveria tentar adivinhar qual a tarefa enviada para o companheiro, foi pedido aos elementos do casal que alternadamente saíssem da sala onde decorria a sessão. Desta forma, a tarefa do Afonso consistiu em diariamente criar (intencionalmente) momentos em que ocorresse o diálogo com a Amélia (i.e. iniciar conversas), registando a forma como levou a cabo a tarefa. No que diz respeito à Amélia, a sua tarefa consistiu em estabelecer diariamente um momento em que, intencionalmente, falasse com um tom de voz mais baixo, para além de deixar algumas atividades domésticas por fazer. O casal não deveria falar entre si sobre as tarefas que cada um tinha para realizar. Importa salientar que as tarefas prescritas a cada um dos elementos da díade iam no sentido daquilo que cada um deles identificou como sendo um dos aspectos de mudança positiva no companheiro.

Sessão Nº4

A sessão Nº4 iniciou-se com a exploração de como decorreram as tarefas enviadas para casa na sessão anterior, sendo que ambos os elementos do casal identificaram ganhos associados à realização da mesma, tanto ao nível da relação, como individual (e.g. maior tranquilidade), para além de, já na sessão, terem conseguido identificar quais as tarefas que um e outro tinham de concretizar.

Seguidamente procuraram-se explorar quais os aspectos da sessão anterior que haviam sido mais significativos para o casal, sendo que o Afonso identifica o facto de ter sido capaz de se exprimir e de ter tomado a iniciativa na realização da tarefa proposta naquela sessão. Neste mesmo sentido, a Amélia destaca o facto de ter sentido que o Afonso se estava a tentar aproximar dela de uma forma que nunca havia demonstrado antes (i.e. mais prática), bem como o facto de o companheiro se ter conseguido exprimir.

A sessão Nº4 foi maioritariamente marcada pela discussão de tópicos relacionados com a planificação e gestão das tarefas domésticas do casal (aspecto que para a Amélia se constituía como um problema) e de aspectos relacionados com a organização financeira da família. Assim, para além de ter colocado particular ênfase sobre a falta de iniciativa do marido, a Amélia destacou um episódio relacionado com uma determinada compra que pretendia efetuar (com o dinheiro da sua conta pessoal) e que não se concretizou devido ao facto de o Afonso se ter recusado a assinar a documentação necessária para tal. Tal atitude do marido foi interpretada pela Rita como sendo um sinal claro de falta de confiança do

mesmo. De salientar ainda que, quando questionada nesse sentido, a Amélia não conseguiu interpretar o comportamento do marido sob uma outra perspetiva (e.g. como sendo uma tomada de iniciativa, que a própria reivindicava).

Na devolução efetuada pelos terapeutas, foram destacados os ganhos terapêuticos ocorridos até àquele momento (i.e. capacidade de identificarem no outro mudanças que iam de encontro ao que cada um dos elementos do casal desejava para a relação). Por outro lado, foi também salientado o facto de às rotinas da vida familiar descritas pelo casal (mais concretamente aquelas que se constituem como problemáticas) parecerem estar associadas questões relacionadas com o poder que cada um dos elementos detinha na díade, bem como o facto de os problemas ocorridos neste domínio serem alvo de interpretações distintas por parte da Amélia e do Afonso.

Atendendo ao conteúdo da sessão (sobretudo as questões relacionadas com o poder), a tarefa enviada para casa consistiu na planificação semanal das tarefas domésticas a serem realizadas por cada elemento da família, sendo que tal planificação deveria ser elaborada alternadamente pelo Afonso e pela Amélia, sem que o outro criticasse ou expressasse desacordo em relação ao que havia sido planeado pelo companheiro.

2.4. Medidas

Apresentar-se-á de seguida o instrumento com base no qual será realizada a avaliação do comportamento na interação diádica do casal participante no estudo.

2.4.1 Couple Interaction Task (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998)

A *Couple Interaction Task* – CIT (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998) é uma medida de observação comportamental da interação diádica de casais e encontra-se organizada em dois momentos distintos (Lima, 2009, Lima et al., 2006). Num primeiro momento, o casal deve selecionar de uma lista de eventuais problemas na relação qual o tópico que, na opinião de ambos, está na origem de maior discórdia no seio da relação. Posto isto, é solicitado ao casal que debata o problema durante 10 minutos, apresentando o seu posicionamento individual face ao mesmo e procurando a resolução do conflito através de uma solução que seja tida como satisfatória por ambos os elementos da díade. Num segundo momento é proposto que a díade coopere na descrição do que para si seria uma relação ideal, devendo para tal descentrar-se do seu próprio relacionamento (Lima, 2009;

Lima et al., 2006). Esta tarefa é realizada com recurso a 45 descritores que, recorrendo a uma metodologia *Q-sort*, deverão ser distribuídos por três categorias: caracteriza bem (um casal ideal); não caracteriza nem bem nem mal (um casal ideal); e caracteriza mal (um casal ideal) (Lima, 2009).

A *CIT* é gravada em vídeo e, de acordo com os autores, a sua cotação é realizada através de dez escalas diádicas organizadas em quatro dimensões: (i) tonalidade emocional (*Partilha de Afecto Positivo*, *Partilha de Afecto Negativo*, *Raiva* e *Hostilidade*); (ii) processo (*Resolução de Conflito* e *Base Segura*); (iii) balanceamento (*Equilíbrio Assertividade/Auto-Retraimento*, *Equilíbrio Indivíduo/Relação* e *Equilíbrio Relação/Mundo*); e (iv) avaliação global (Lima, 2009; Lima et al. 2006).

Relativamente à dimensão tonalidade emocional, a escala *Partilha de Afecto Positivo* destina-se à avaliação da reciprocidade da expressão de afecto positivo por ambos os elementos da díade, focando-se no grau de sincronia e no reconhecimento de afecto positivo entre os elementos do casal. Embora avalie também a reciprocidade da expressão emocional, a *Escala de Afecto Negativo* foca o processo de escalada associado à reciprocidade do afecto negativo expresso pelo parceiro. Na escala de *Raiva* é avaliada a intensidade da expressão de frustração, irritação e/ou impaciência dirigida ao parceiro e não a terceiros ou à tarefa em si. Por fim, a escala *Hostilidade* destina-se à avaliação de interações pautadas pela frieza emocional e rejeição, denotando desesperança e percepção de futilidade acerca da relação (Lima, 2009; Lima et al., 2006).

No que à dimensão de Processo diz respeito, a escala *Resolução de Conflito* centra-se na capacidade do casal trabalhar conjuntamente para a tomada de decisões ou resolução de conflito de forma satisfatória para ambos, enquanto a escala *Base Segura* avalia o modo como, no seio da relação, os sujeitos são capazes de recorrer ao outro como base segura e de perante ele se constituírem como tal (Lima, 2009; Lima et al., 2006).

Na dimensão balanceamento, a escala *Equilíbrio Assertividade/Auto-Retraimento* centra-se na dicotomia entre a capacidade de expressar ideias e opiniões assertivamente e a passividade e/ou defensividade em tal expressão de forma a não ameaçar o outro ou a relação (Lima et al., 2006). Por sua vez, a escala *Equilíbrio Indivíduo/Relação* avalia em que medida a relação promove a individualidade dos elementos da díade ou, ao invés, restringe os seus recursos individuais. A escala *Equilíbrio Relação/Mundo* destina-se à avaliação da capacidade do casal para manter um envolvimento ativo e competente na realização de forma cooperante das tarefas solicitadas (Lima, 2009).

A *Avaliação Global da Qualidade da Relação* constitui-se como uma avaliação holística da qualidade e profundidade da relação, não resultando no entanto de um compósito dos *scores* das restantes escalas (*idem*).

A cotação de cada escala da *CIT* é realizada através de uma escala tipo *Likert*, sendo atribuída uma classificação de cariz ordinal que poderá oscilar entre 5 ou 7 valores, sendo que para cada escala se obtém um único *score* relativo à interação do casal. Este processo de cotação é realizado por dois juízes independentes com formação prévia no método de avaliação, recorrendo-se a um terceiro juiz na eventualidade de não se verificar o acordo inter-observadores. Em estudos que contemplam a avaliação direta da interação de casais com recurso à *CIT* e ao sistema de cotação proposto pelos seus autores (i.e. não incluindo as escalas individuais de Procura e Prestação de Cuidados) (e.g. Lima, 2009; Roisman et al., 2005; Roisman et al., 2001), verificam-se acordos inter-observadores que oscilam entre .81 e .96 ($p < .001$). Por outro lado, num estudo realizado por Vieira (2008) no qual a avaliação da interação diádica de casais incluía as escalas de *Procura e Prestação de Cuidados*, o acordo inter-observadores para todas as escalas apresentava valores entre .96 e .99 ($p < .001$).

O estudo das propriedades psicométricas da *CIT* inserido no trabalho desenvolvido por Lima (2009) permite concluir acerca da adequabilidade deste instrumento ao nível da sua validade e fidelidade. Para o estudo da validade da *CIT*, realizaram-se análises fatoriais exploratórias, das quais se extraíram 2 fatores, nomeadamente, i) Fator 1 - Balanceamento *self*-outro; e ii) Fator 2 - Tonalidade emocional negativa, e uma dimensão designada por Qualidade da interação. Estes fatores foram sujeitos a um estudo da sua fidelidade, recorrendo-se para tal à análise de consistência interna através do coeficiente de alpha de Cronbach, obtendo-se valores de .94 para o fator 1 e de .87 para o fator 2. A análise da fidelidade da *CIT* implicou também a análise da correlação item-total dos itens, tendo esta oscilado entre .70 e .85 ($p < .001$) (Lima, 2009). Ainda neste estudo, com o objetivo da inclusão dos casais em categorias com base nas características do comportamento diádico observado, procedeu-se a uma análise de *clusters*, forçando-se 3 categorias, mais concretamente: i) Interação Emaranhada; ii) Interação Distanciada; e iii) Interação Balanceada (*idem*), as quais já tivemos oportunidade de descrever.

2.5. Procedimentos

O procedimento de recolha de dados foi realizado a partir da visualização de gravações em registo vídeo das sessões de terapia de casal realizadas com o casal incluído

no presente estudo. De acordo com os procedimentos habituais da clínica onde foi realizado o processo psicoterapêutico de casal, o consentimento informado da díade para a gravação das sessões foi recolhido pelos terapeutas no início da primeira sessão, sendo que para além de ter sido garantida aos participantes a confidencialidade das gravações, foi também claramente explicado que as mesmas poderiam vir a ser utilizadas em trabalhos de investigação futuros, os quais se regeriam pelo mesmo princípio de confidencialidade relativamente à participação do casal e aos dados recolhidos. Como forma de assegurar a confidencialidade do conteúdo das gravações, estas foram visualizadas na mesma clínica onde decorreu o processo terapêutico e apenas pelos juízes que viriam a avaliar a interação diádica dos casais.

No que aos procedimentos de análise de dados concerne, a avaliação da interação diádica foi realizada com base nos critérios estabelecidos para 8 das 10 escalas da *CIT*, nomeadamente (i) *Afecto positivo diádico*, (ii) *Afecto negativo diádico*, (iii) *Raiva*, (iv) *hostilidade*, (v) *Base Segura*, (vi) *Equilíbrio Assertividade/Auto-Retraimento*, (vii) *Equilíbrio Indivíduo/Relação*, e (viii) *Qualidade da relação*. Refira-se que a escala *Resolução de Conflito* não foi incluída no presente estudo, uma vez que as situações de conflito (eminente) foram contidas pela intervenção dos terapeutas, não sendo por isso possível observar a capacidade de negociação do casal para alcançar uma solução satisfatória para ambos e que viabilizaria a cotação desta escala. De igual forma, a escala *Equilíbrio Relação/Mundo* não foi também contemplada no presente estudo, na medida em que a maioria das sessões realizadas (à exceção da sessão Nº3) não incluíram tarefas que permitissem observar a capacidade da díade para trabalharem em conjunto e para manterem um envolvimento ativo e competente com vista à realização de uma determinada tarefa.

Importa também salientar que embora não tenha sido realizada a tarefa diádica desafiante proposta pelo protocolo da *CIT*, a ativação do sistema de vinculação que viabiliza a avaliação das dimensões comportamentais contempladas por este instrumento foi garantida num contexto de terapia de casal através de elementos críticos geradores de discórdia entre os elementos da díade e associados ao *distress* conjugal, os quais foram sendo abordados no decorrer de cada sessão. Para além disto, de salientar também que a não realização da tarefa diádica proposta pela *CIT* se prendeu com o facto de o presente estudo não visar especificamente a avaliação da interação diádica ocorrida no contexto da realização de uma tarefa desafiante, mas sim aquela observada ao longo de cada uma das sessões realizadas com o casal participante. Por outras palavras, pretendeu-se avaliar a interação diádica que ocorre entre os elementos do casal, não obstante esta ser dirigida à dupla de terapeutas e moderada pela mesma.

Conforme protocolado, o Processo de cotação da *CIT* foi realizado de forma independente por pares de juízes com formação específica para o efeito, tendo-se verificado um acordo inter-observadores que oscila entre .81 e .93.

Para além da avaliação da interação diádica com base nas escalas da *CIT*, foi realizada uma análise qualitativa da interação do casal em cada uma das sessões realizadas, descrevendo-se os comportamentos diádicos evidenciados pelo casal.

3. Resultados

Os resultados da avaliação da interação diádica observada nas 4 sessões do processo de terapia de casal do Afonso e da Amélia encontram-se organizados de acordo com as dimensões da *CIT*.

Na tabela 1 são apresentados os scores obtidos pelo Afonso e pela Amélia nas escalas da *CIT* incluídas na dimensão tonalidade afetiva.

Tabela 1. Resultados da avaliação da interação diádica na dimensão tonalidade afetiva

Escala <i>CIT</i>	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3	Sessão 4
Afeto Positivo Diádico	1	1	2	2
Afeto Negativo Diádico	3	3	3	3
Raiva	3	3	3	4
Hostilidade	6	6	6	5

No que se refere à escala ***Afeto Positivo Diádico***, constata-se que os resultados das sessões N^o1 e N^o2 se encontram no limite inferior da mesma, verificando-se nestas sessões a total ausência de partilha de afeto positivo entre os elementos da díade (e.g. sorrisos, afeto físico e/ou verbal, partilha de sentimentos positivos), sendo a interação pautada pelo desconforto e tensão extrema evidenciada por ambos.

Nas sessões N^o3 e N^o4, embora ainda num nível baixo, o aumento do *score* nesta escala justifica-se fundamentalmente pela maior frequência com que, comparativamente às duas primeiras sessões, o casal partilha alguns sentimentos positivos. No entanto, tal partilha é ocasional e esporádica, não viabilizando assim a atribuição de um *score* mais elevado.

Relativamente à escala ***Afeto Negativo Diádico***, pode-se verificar que o casal obteve o mesmo *score* nas quatro sessões realizadas. Este *score* moderado reflete a

reciprocidade ocasional com que o Afonso e a Amélia respondem ao afeto negativo expresso pelo companheiro, essencialmente no que se refere à expressão de sinais de impaciência, frustração e hostilidade. Verificou-se também que a não ocorrência de escalada de conflito que poderia ser desencadeada pela partilha e reciprocidade de tal tonalidade emocional negativa se ficou a dever fundamentalmente à intervenção dos terapeutas, os quais, perante a iminência de conflito intenso, redireccionavam o Afonso e a Amélia para os objetivos das questões e atividades que estavam a ser apresentadas. Pese embora a rápida contenção na escalada do conflito, continuou a ser evidente uma interação fria e tensa entre os elementos da díade.

Na escala **Raiva**, a interação do casal foi cotada com o mesmo valor nas três primeiras sessões, sendo que o score médio atribuído justifica-se pela ocorrência intermitente de episódios de raiva moderada e contida. Nestas sessões, as manifestações comportamentais de raiva são particularmente notórias na Amélia, refletindo-se não só no marcado estilo confrontativo e acusatório dirigido ao companheiro, mas também na expressão de sinais claros de impaciência e irritação. Na sessão N^o4 consta-se um aumento no score obtido pela díade nesta escala, fruto da maior relevância e frequência que os indicadores comportamentais de raiva assumem no contexto da interação diádica do casal.

No que concerne à escala **Hostilidade**, o mesmo *score* elevado obtido pelo casal nas três primeiras sessões reflete uma interação fria e rejeitante entre o Afonso e a Amélia, sendo que o distanciamento entre ambos constitui-se como uma das principais componentes da interação observada nestas sessões. Mais concretamente, observa-se que a Amélia recorre mais frequentemente a estratégias que visam afastar e atacar o Paulo (e.g. crítica muito frequente do companheiro e comentários depreciativos), após as quais não evidencia qualquer tipo de remorso ou arrependimento. Perante tais comentários e críticas por parte da companheira, o Paulo adota uma postura passiva e retraída, nada fazendo para minimizar ou reduzir as tentativas de distanciamento da Amélia. Por sua vez, na sessão N^o4, o score mais baixo obtido pela díade nesta escala justifica-se fundamentalmente por uma ligeira diminuição na frequência com que a Amélia utiliza estratégias que têm como objetivo afastar e distanciar o Afonso, embora as mesmas continuem a constituir-se como uma característica proeminente da interação do casal.

Na tabela 2 são apresentados os resultados da avaliação da interação diádica do casal na dimensão Processo.

Tabela 2. Resultados da avaliação da interação diádica na dimensão Processo

Escala CIT	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3	Sessão 4
Base Segura	1	1	2	2

No que se refere à escala **Base Segura**, nas duas primeiras sessões o casal obteve um *score* que se encontra no limite inferior da escala. A cotação atribuída resulta da evidente ausência de ligação emocional entre o Afonso e a Amélia e pela incapacidade de ambos para representarem o companheiro como base segura e para ele funcionarem como tal. Atendendo a que a dimensão base segura inclui os comportamentos de procura e prestação de cuidados, tornou-se evidente a inadequação evidenciada por ambos os elementos do casal ao nível dos comportamentos de procura de cuidados, seja pela não sinalização clara e objetiva dos *distress* experienciado (particularmente evidente no Afonso), ou pela sinalização de *distress* com recurso à crítica desconstrutiva e à culpabilização do companheiro (sobretudo na Amélia). No que à prestação de cuidados diz respeito, a interação diádica do Afonso e da Amélia é maioritariamente pautada pelo retraimento evidenciado por ambos perante o *distress* evidenciado pelo companheiro e por comportamentos de prestação de cuidados não ajustados às necessidades evidenciadas. Neste sentido, foi possível observar que ao invés de minimizar o *distress* manifestado pelo companheiro, os comportamentos de prestação cuidados manifestados por cada um dos elementos do casal tendiam a relativizar ou enfatizar o *distress* e o afeto negativo expressos pelo outro, culpabilizando-o ou criticando-o.

O *score* atribuído ao casal nas sessões N^o3 e N^o4 deveu-se sobretudo ao claro desequilíbrio observado entre os elementos da díade no que diz respeito aos comportamentos de prestação e procura de cuidados. Neste sentido, enquanto que a Amélia, ainda que ocasionalmente, foi capaz de sinalizar mais objetivamente o seu *distress*, o Afonso continuou a evidenciar uma postura de retraimento perante tais sinais, caracterizada pela inexistência de comportamentos de prestação de cuidados ajustados e sintonizados com as necessidades expressas pela companheira.

Seguidamente, na Tabela 3, são apresentados os resultados relativos às escalas da CIT incluídas na dimensão Equilíbrio/Balanceamento.

Tabela 3. Resultados da avaliação da interação diádica na dimensão Equilíbrio/Balanceamento

Escala CIT	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3	Sessão 4
Equilíbrio Assertividade/Auto-Retraimento	4	4	4	4
Equilíbrio Indivíduo/Relação	2	2	3	3

Relativamente à escala **Equilíbrio Assertividade/Auto-Retraimento** é possível constatar que foi atribuído à interação do casal o mesmo *score* em todas as sessões realizadas, encontrando-se este num nível moderado. Tal classificação resulta do facto de em todas as sessões ter sido observado um misto de abertura e retraimento na interação do casal. Mais concretamente, embora em vários momentos a Amélia não seja capaz de aceitar os pontos de vista do companheiro, esta demonstra sinais de vulnerabilidade mais frequente e consistentemente, expressando também livremente sentimentos negativos e positivos. Por outro lado, o Afonso evidencia uma maior resistência e defensividade face à expressão e partilha de opiniões, procurando frequentemente “fugir” de questões que o possam colocar numa posição de maior vulnerabilidade, recorrendo para tal a respostas muito longas e tangenciais ao assunto central das questões.

No que diz respeito à escala **Equilíbrio Indivíduo/Relação**, nas sessões Nº1 e Nº2 o casal obteve um *score* baixo, refletindo tanto o marcado distanciamento que o Afonso e a Amélia evidenciam relativamente um ao outro, como o facto de a interação de ambos ser maioritariamente definida e orientada pelas opiniões e comportamentos do elemento feminino. Em acréscimo, a crítica e culpabilização que constantemente a Amélia dirige ao companheiro parece limitar a individualidade do mesmo, tal como evidencia a defensividade e embaraço com que o Afonso por vezes expressa a sua opinião pessoal.

Nas sessões Nº3 e Nº4 o casal obteve um *score* moderado, uma vez que, embora possam ser observados alguns efeitos positivos da interação, estes não são suficientemente fortes para suplantar os efeitos negativos da mesma. Neste sentido, a interação diádica do casal continua a ser caracterizada pelo distanciamento emocional entre os seus elementos e pela partilha e reciprocidade de afeto negativo.

Por fim, na Tabela 4 são apresentados os resultados relativos à escala da **CIT Qualidade da Relação**.

Tabela 4. Resultados da avaliação da interação diádica na escala Qualidade da Relação

Escala CIT	Sessão 1	Sessão 2	Sessão 3	Sessão 4
Qualidade da Relação	2	2	2	2

No que se refere à escala **Qualidade da Relação**, em todas as sessões o casal foi classificado com um score baixo, o qual reflete a marcada ausência de proximidade emocional entre o Afonso e a Amélia e a incapacidade de ambos para atenderem adequada e ajustadamente às necessidades um do outro. Da observação das 4 sessões realizadas tornou-se particularmente claro que a relação do casal não promove o desenvolvimento individual dos seus elementos, sendo que as características negativas do relacionamento (e.g. inadequação dos comportamentos de base segura, elevada hostilidade, partilha de afeto positivo muito baixa) se sobrepõem claramente às características mais positivas do mesmo.

Atendendo aos resultados apresentados considera-se que, transversalmente a todas as sessões, o casal participante no presente estudo evidencia uma interação emaranhada (Lima, 2009), sendo esta caracterizada pela sua baixa qualidade global, elevada tonalidade emocional negativa e dificuldades consideráveis ao nível do balanceamento entre as necessidades da díade e de cada um dos seus elementos (*idem*).

4. Discussão dos Resultados

A díade participante no presente estudo recorreu à terapia de casal sinalizando a comunicação como sendo a principal área problemática da sua relação, enquadrando-se assim no proposto por Doss e colaboradores (2004), os quais, a partir de um estudo realizado com 147 casais heterossexuais, identificaram as dificuldades ao nível da comunicação e ligação afetiva/emocional, como aquelas que mais frequentemente se associam aos pedidos de terapia de casal.

Após a avaliação e análise da interação diádica ao longo das quatro sessões realizadas de terapia de casal, tornou-se particularmente evidente que tais problemas de comunicação da díade se encontravam associados às dificuldades que ambos os elementos manifestavam sobretudo ao nível dos comportamentos de base segura (i.e. procura de cuidados e prestação de cuidados), sendo que, à luz da teoria da vinculação, o desequilíbrio ao nível do eixo dos cuidados, em que um dos elementos da díade (ou ambos) não se afigura perante o outro como base segura, se constitui como uma das principais fontes de *distress* na relação, podendo assim motivar um pedido de acompanhamento psicoterapêutico de casal (Clulow, 2001). Neste sentido, segundo Crowell e colaboradores (2002), os comportamentos de prestação e procura de cuidados estão intimamente relacionados com os comportamentos globais associados ao processo comunicacional observado em casais, para além de possuírem um impacto significativo sobre os

comportamentos de gestão de conflito do próprio indivíduo (Lafontaine, Bélanger & Gagnon, 2009). Em acréscimo, conforme exposto, o balanceamento e complementaridade entre os comportamentos de prestação e procura de cuidados, e a flexibilidade requerida a cada elemento da díade para que alterne entre os papéis daquele que recebe ou presta cuidados, constituem-se como fatores cruciais para que o potencial da relação enquanto base segura possa ser alcançado (Crowell & Treboux, 2001).

Na interação diádica observada nas sessões N^o1 e N^o2, foi possível constatar um claro desequilíbrio ao nível dos comportamentos de procura de cuidados, com o elemento feminino da díade a manifestar mais frequentemente este tipo de comportamentos do que o seu companheiro, indo assim de encontro aos resultados encontrados num estudo realizado por Vieira (2008) com vinte casais heterossexuais. Embora de cariz exploratório, no estudo referido foi possível constatar que os elementos femininos das díades tendiam a manifestar mais comportamentos de procura de cuidados do que os seus companheiros (aquando da realização da tarefa diádica prevista na *CIT*), sinalizando assim o seu desconforto e *distress* (Vieira, 2008). Por outro lado, os homens tendem a ser menos expressivos emocionalmente e mais individualistas (Gillian, 1982 *cit in*. Pietromonaco & Carnelley, 1994), o que poderá explicar (também e em parte) o facto de o elemento masculino da díade do presente estudo manifestar menos frequentemente, relativamente à companheira, comportamentos de procura de cuidados. No entanto, uma vez que os comportamentos de procura e prestação de cuidados apresentam um carácter marcadamente interdependente e complementar (Collins & Feeney, 2000) e que a sua eficácia requer várias condições e características associadas à forma como são manifestados (Feeney & Collins, 2001), realizaremos uma análise (diádica) mais aprofundada neste domínio dos comportamentos de base segura e que tão grande influência exercem ao nível da satisfação conjugal (Collins & Feeney, 2000).

Conforme referido, embora o elemento feminino da díade expresse mais frequentemente sinais de desconforto e de *distress*, a forma como o pedido de cuidados é realizado é claramente inadequado e ineficaz, uma vez que para além da sua não objetividade, é maioritariamente acompanhado pela crítica dirigida ao companheiro e pela culpabilização do mesmo face ao *distress* experienciado. Ora, tal inadequação na forma como o elemento feminino da díade manifesta a sua vulnerabilidade e a considerável tonalidade emocional negativa associada à procura de cuidados (i.e. crítica, hostilidade e raiva), subjaz a que o companheiro por um lado possa não reconhecer/identificar os sinais de *distress* expressos e, por outro lado, a que responda ao desconforto da companheira adotando uma postura de marcada defensividade e retraimento, o que por sua vez pode conduzir ao desajuste e dessincronização face às necessidades do elemento feminino e, consequentemente, numa menor eficácia ao nível da prestação de cuidados.

O evidente destaque que a expressão de *distress* por parte do elemento feminino assume na interação da díade e a tonalidade emocional negativa que a acompanha, parecem dificultar o reconhecimento e a valorização por parte da Amélia dos comportamentos de procura de cuidados manifestados pelo companheiro. Associado a este padrão, verifica-se uma diminuição progressiva dos comportamentos de prestação de cuidados evidenciados pelo elemento feminino, o que por sua vez pode traduzir-se na diminuição dos comportamentos de procura de cuidados por parte do companheiro. Tal interdependência é consonante com os resultados obtidos por Collins e Feeney (2000) num estudo realizado com 93 casais heterossexuais, no qual se observou uma concordância entre a frequência dos comportamentos de procura de cuidados manifestados pelos homens e a frequência dos comportamentos de prestação de cuidados por parte das companheiras. Desta forma, a ausência de flexibilidade, reciprocidade e eficácia ao nível do eixo dos cuidados pode associar-se à dificuldade de ambos os elementos da díade em recorrerem ao outro como base segura e perante ele funcionarem como tal, o que por sua vez se alia à considerável tonalidade emocional negativa expressa pelo casal (e.g. frustração, raiva e hostilidade) e ao isolamento e retraimento dos seus elementos. Tal consideração assenta no facto de os resultados de vários estudos (e.g. Lima, 2009; Rholes, Simpson & Oriña 1999; Roisman et al., 2005) indicarem que os casais em que não se verifica tal flexibilidade e reciprocidade ao nível da procura e prestação de cuidados tenderem a manifestar maiores dificuldades na regulação emocional, ocorrendo frequentemente um processo de escalada de conflito, marcado pela raiva e pela hostilidade. Porém, no casal participante no presente estudo apenas se observou o início do conflito, sendo a escalada do mesmo contida devido à ação dos terapeutas. A intervenção dos terapeutas em tais episódios enquadra-se num dos princípios da terapia de casal sistematizados por Benson, McGinn e Christensen (2012) e que, sendo transversal aos vários modelos psicoterapêuticos deste domínio, se prende precisamente com o facto de os terapeutas deverem assumir um papel facilitador na criação e sinalização de alternativas que procurem o alcance de uma maior regulação emocional. Desta forma, através da contenção de conflitos em *setting* terapêutico, visa-se promover a modificação de interações disfuncionais orientadas por emoções desreguladas de um ou ambos os elementos do casal (Lebow, Chambers, Christensen & Johnson, 2012).

O facto de cada um dos elementos da díade não ser representado como base segura pelo outro, sustenta do ponto de vista comportamental o desequilíbrio observado entre as necessidades individuais de cada membro do casal e as da relação (Lima, 2009). Tal desequilíbrio limita as competências de ambos os elementos do casal para colaborarem e realizarem cedências que visem um maior bem-estar conjugal, associando-se desta forma à baixa qualidade da interação diádica observada (*idem*).

Ainda no que concerne às duas primeiras sessões, importa salientar que o facto de os resultados da avaliação da interação diádica terem sido exatamente iguais em ambas as sessões, poderá estar associado à não prescrição de tarefas para casa entre a primeira e a segunda sessão. Esta consideração assenta na evidência de que, ao serem geralmente planificadas com vista a contrariar os fatores que estão na base do *distress* do casal e/ou a enfatizar os aspetos positivos da relação, tais tarefas constituem-se como oportunidades privilegiadas para que os clientes implementem novos comportamentos orientados no sentido da concretização daqueles que foram os objetivos estabelecidos para o processo terapêutico (Dattilio & Dickson, 2007). Por outras palavras, ao sentirem que têm uma tarefa concreta na qual têm de focar e trabalhar, o casal poderá sentir-se mais motivado para se envolver no processo, potenciando desta forma o início e a manutenção do processo de mudança (Anker, Sparks, Duncan, Owen & Stapnes, 2011; Dattilio & Dickson, 2007). Importa ainda salientar que a não prescrição de tarefas para casa entre as duas primeiras sessões se prendeu com o facto de a avaliação do casal não ter sido concluída na primeira sessão. Desta forma, atendendo a que a avaliação ainda não havia sido finalizada e ao elevado *distress* evidenciado pela díade, os terapeutas optaram por encurtar o período que separou a primeira e a segunda sessão.

No que se refere aos resultados da avaliação da interação diádica observada nas sessões Nº3 e Nº4, constata-se que na grande maioria das escalas o casal foi avaliado de forma similar às primeiras duas sessões. No entanto, das escalas cujos resultados diferem daqueles obtidos nas duas primeiras sessões, atendendo aos objetivos do presente estudo importa destacar as escalas *Base Segura* e *Equilíbrio Indivíduo/Relação*.

Embora ainda num nível baixo, o facto de o casal nas sessões Nº 3 e Nº4 ter evidenciado melhorias ao nível da escala *Base Segura* poderá estar associado à natureza das tarefas enviadas para casa, as quais implicavam que cada um dos elementos da díade se focasse sobre os comportamentos do companheiro que se associassem a uma mudança positiva (tarefa realizada entre a segunda e terceira sessão) e que procurasse ativamente criar situações em que o seu comportamento fosse de encontro ao desejado pelo outro (tarefa realizada entre a terceira e quarta sessão). Particularmente no se refere à segunda tarefa mencionada, o facto de cada um dos elementos da díade criar situações (sem o conhecimento do companheiro) em que o seu comportamento foi contrário àquele que normalmente era gerador de *distress* no companheiro, parece ter-se constituído perante o outro como sendo um comportamento eficaz de prestação de cuidados o que, conseqüentemente, terá motivado a manifestação de comportamentos de prestação de cuidados igualmente eficazes por parte do outro elemento. Ora, tal adoção de comportamentos que visam a diminuição do *distress* do companheiro e a conseqüente

representação do outro como estando mais disponível e sendo mais eficaz ao nível da prestação de cuidados parecem estar associadas a um maior equilíbrio entre as necessidades de cada um dos elementos da díade e as da relação (Lima, 2009), tal como traduzido na melhoria verificada no comportamento diádico relativo à escala *Equilíbrio Indivíduo/Relação* aquando da observação da sua interação nas sessões N^o3 e N^o4. Não obstante a relevância da maior eficácia ao nível da prestação de cuidados por parte dos dois elementos do casal e que ambos identificam como ganhos terapêuticos refletidos numa maior tranquilidade e bem-estar conjugal, parece-nos porém importante destacar o facto de a interação diádica observada nas sessões N^o3 e N^o4 continuar a ser caracterizada por uma marcada tonalidade emocional negativa (i.e. partilha de afecto negativo, raiva e hostilidade) que poderá estar associada à incapacidade de ambos os elementos da díade para sinalizar de forma adequada e eficaz o seu *distress*, ou seja, à desadequação/ineficácia dos comportamentos de procura de cuidados. Este aspecto é particularmente evidente no elemento feminino, que continua a manifestar o seu desconforto e *distress* recorrendo a um tom confrontativo e acusatório dirigido ao companheiro. Para além disto, o facto de na sessão N^o4 o elemento feminino do casal abordar tópicos/episódios que lhe causam grande *distress* (e.g. questões relacionadas com a gestão e divisão das tarefas domésticas, e um comportamento específico do companheiro que foi por si interpretado como traduzindo falta de confiança), perante os quais o companheiro não reagiu de forma sincronizada com as suas expectativas, contrapondo e rebatendo o posicionamento da companheira, parece explicar o *score* mais elevado obtido nesta sessão relativamente à escala *Raiva*. Tal poderá ser compreendido atendendo ao facto de os elementos de um casal em *distress* tenderem a sobrevalorizar os comportamentos negativos do companheiro e a interpretar negativamente os comportamentos positivos e/ou neutros evidenciados pelos mesmo (Finchman, Gamier, Garo-Phillips & Osborne, 1995 cit. in Heyman, 2001).

Atendendo aos resultados similares da avaliação da interação diádica do casal ao longo das quatro sessões e uma vez que o processo terapêutico foi interrompido na quarta sessão por *drop-out*, não é possível realizar uma análise mais aprofundada acerca do impacto do processo psicoterapêutico sobre a interação diádica observada neste contexto. Por isto mesmo, importa refletir, ainda que num exercício puramente conceptual, acerca das eventuais vantagens/ganhos terapêuticos associados ao facto de a avaliação da interação diádica do casal ser contemplada como uma das principais componentes do processo de terapia de casal. Neste sentido, parece-nos pertinente o posicionamento de Lima (2009) e Relvas (2000), de acordo com os quais a intervenção psicoterapêutica realizada com casais deve privilegiar o enfoque recursivo e circular das interações do casal, ao invés de colocar ênfase sobre as características individuais de cada um dos seus elementos e que são

assumidas como determinantes do funcionamento diádico. Ao proceder desta forma, o foco da intervenção passa das (in)competências individuais de cada elemento do casal para o processo relacional e para os movimentos de proximidade/distância, interioridade/exterioridade e procura/prestação de cuidados a ele inerentes (Lima, 2009), visando identificar aspectos da interação diádica do casal que sejam promotores da segurança da vinculação entre cada um dos seus elementos (Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2002).

A relevância e pertinência da observação e avaliação da interação diádica ocorrida em *setting* terapêutico é claramente posta em evidência no caso específico do casal incluído no presente estudo, uma vez que, ao ser realizada, permitiria identificar que grande parte do *distress* evidenciado pelo mesmo resulta da ineficácia dos comportamentos de procura e prestação de cuidados manifestados pelos elementos da díade, bem como do desequilíbrio, não complementaridade e inflexibilidade com que tais papéis são desempenhados por ambos. Assim sendo, um dos objetivos principais da intervenção poderia consistir na promoção do *insight* do casal sobre tal padrão, recorrendo-se para tal a uma estratégia de *vídeo-feedback*.

Com base no presente estudo de caso e visando a terapia de casal em geral, uma abordagem à intervenção psicoterapêutica que assente na observação e avaliação da interação diádica de casais a partir de registo vídeo pode permitir que, com recurso à apresentação de excertos das gravações das sessões anteriores, sejam a cada sessão devolvidas aos clientes as informações mais relevantes e as principais conclusões formuladas a partir da observação da interação. A planificação desta devolução deverá ser realizada em função de duas variáveis principais, nomeadamente o nível de *distress* conjugal e o grau de competência ou incompetência de cada um dos elementos do casal.

Assente numa lógica semelhante àquela presente no *Video-Feedback Intervention to Promote Positive Parenting and Sensitive Discipline - VIPP – SD*, dirigida a díades mãe/pai-filho, a intervenção através de *vídeo-feedback* diádico poderá ser realizada a dois níveis principais: (1) na identificação das principais áreas problemáticas na interação do casal; e (2) na identificação e potenciação dos fatores protetores e das características positivas do relacionamento que promovam padrões de funcionamento alternativos àqueles que se constituem como problemáticos. Importa porém salientar que a visualização dos excertos que visem a identificação das áreas problemáticas da interação poderá ser realizada individualmente (i.e. separadamente com cada um dos elementos da díade), de modo a que a realização de tal tarefa não se constitua como uma oportunidade para reforçar o *distress* do casal. Para além disto, o recurso ao vídeo-feedback poderá ainda servir para promover

junto do casal (i.e. com a presença simultânea dos seus dois elementos) o *insight* sobre eventuais mudanças no seu padrão de interação que poderão estar associadas a ganhos terapêuticos específicos.

Uma abordagem desta natureza seria também potencialmente útil para que os terapeutas analisassem de que forma o comportamento diádico observado nas sessões é consistente com os conteúdos explorados nas mesmas, permitindo igualmente que o *feedback* dado ao casal não se reduza apenas ao nível da dimensão do conteúdo da interação/sessão, mas também relativamente ao processo de interação propriamente dito. Para além disto, o recurso à avaliação da interação diádica em terapia de casal pode também ser particularmente relevante para a planificação das tarefas a serem realizadas pela díade no período entre sessões. Mais especificamente, a observação do comportamento diádico registado em cada sessão pode orientar os terapeutas no desenvolvimento de tarefas que vão de encontro às necessidades do casal e que promovam a mudança. Atendendo ao exposto, refira-se o estudo com casais grávidos realizado por Lima e colaboradores (2013), cuja modalidade de intervenção contemplou, em acréscimo a uma intervenção cognitivo-narrativa individual, uma modalidade de intervenção psicoterapêutica de casal baseada na vinculação e com recurso à *CIT*. Neste estudo, constatou-se que os casais que receberam *feedback* da interação diádica no qual eram identificados os seus elementos positivos e passíveis de gerar mudança, e que receberam tarefas para casa que potenciavam tal mudança, relatam melhorias ao nível da percepção do ajustamento diádico (*idem*).

Atendendo ainda ao presente estudo de caso, outro dos objetivos da intervenção realizada poderia consistir na promoção da eficácia e adequabilidade dos comportamentos de prestação e procura de cuidados de ambos os elementos do casal (Cobb & Bradburry, 2003), visando alcançar o potencial da relação enquanto base segura (Clulow, 2001).

No que se refere aos comportamentos de procura de cuidados, a intervenção realizada deveria visar a promoção das competências de ambos os elementos do casal para sinalizarem ao companheiro de forma clara e objetiva as suas necessidades individuais, sendo simultaneamente capazes de mostrarem abertura para receberem e usufruírem do suporte prestado (Davila & Kashy, 2009). Tal consideração assenta no facto de que a expressão clara e eficaz de necessidade de cuidados por parte de um indivíduo deverá (idealmente) elicitar no companheiro maiores esforços para reduzir o *distress* e, conseqüentemente, comportamentos de prestação de cuidados mais frequentes (Collins & Feeney, 2000). Adicionalmente, segundo Lafontaine e colaboradores (2009), à procura eficaz de cuidados associa-se uma maior capacidade de resolução de problemas, muito

provavelmente devido a uma maior capacidade para os identificar e reconhecer, e a uma maior abertura perante o posicionamento do companheiro. Atendendo ao carácter complementar e interdependente destes dois tipos de comportamento, será pois facilmente compreensível que a percepção individual da adequabilidade do apoio prestado pelo companheiro dependa diretamente do comportamento manifestado pelo mesmo, pelo que se o indivíduo que pede cuidados perceber a interação com o companheiro como sendo fonte de suporte, experienciará mais efeitos positivos da mesma (Collins & Feeney, 2000), criando-se desta forma condições para a expressão deste tipo de comportamentos.

Relativamente aos comportamentos de prestação de cuidados, a intervenção deveria promover nos elementos do casal as suas competências (i) na identificação e reconhecimento das necessidades e sinais de vulnerabilidade do companheiro, (ii) para se mostrarem disponíveis e acessíveis perante tal sinalização, e (iii) para providenciarem o apoio necessário e adequado para que o *distress* do companheiro fosse reduzido e as suas necessidades satisfeitas (Davila & Kashy, 2009). Feeney e Collins (2001) identificam um conjunto de características que idealmente deveriam estar presentes num bom prestador de cuidados, as quais poderão ser particularmente úteis para o desenvolvimento de estratégias psicoterapêuticas que permitam a promoção da eficácia ao nível da prestação de cuidados. Assim, segundo as autoras, para que um indivíduo se constitua como um prestador de cuidados eficaz deverá ser capaz de responder flexivelmente a um amplo leque de necessidades que podem ser manifestadas pelo companheiro, possuindo para tal competências que lhe permitam providenciar o tipo e quantidade de apoio adequado e ajustado ao momento em que as necessidades do companheiro são expressas (Feeney & Collins, 2001). De igual forma, o prestador de cuidados deverá possuir recursos instrumentais e emocionais que lhe permitam ir de encontro às necessidades do companheiro, sendo que a vivência de situações stressantes por parte daquele que presta cuidados poderá comprometer a sua capacidade para o fazer de forma adequada e eficaz (*idem*). De acordo com Collins e Feeney (2000), uma prestação de cuidados pautada pela sensibilidade e responsividade perante as necessidades expressas pelo outro contribui para que este represente o companheiro não só como sendo eficaz na prestação de cuidados, bem como base segura a partir da qual possa explorar o ambiente em que está inserido e como refúgio seguro ao qual possa recorrer em momentos de *distress*, tendendo assim para avaliar a sua relação de modo mais positivo e satisfatório. Para além disto, tal como constatado por Lima (2009), a representação do outro como disponível e responsivo associa-se comportamentalmente ao balanceamento do *self*-outro, num processo em que a resolução de conflito e o processo de negociação é tido como equilibrado e satisfatório para a díade. Ainda neste sentido, a representação da relação íntima enquanto base segura para

o desenvolvimento pessoal de cada um dos elementos da díade parece minimizar o risco de, no plano da interação diádica, se observar um desequilíbrio entre as necessidades do indivíduos e as da relação (Lima, 2009).

Os resultados do presente estudo parecem ser consonantes com o posicionamento de vários autores, quando afirmam que ao *distress* conjugal frequentemente subjazem questões relacionadas com a vinculação (Butler, Harper & Mitchell, 2011), assumindo-se assim a teoria da vinculação como uma importante matriz conceptual a partir da qual a terapia de casal se poderá expandir e desenvolver. Atendendo a este contributo, não é pois surpreendente que, do ponto de vista da prática clínica com casais, a avaliação da interação diádica com base nos princípios da teoria da vinculação se constitua para os terapeutas conjugais como um valioso recurso ao nível da avaliação, conceptualização e intervenção psicoterapêutica, permitindo-lhes uma leitura mais abrangente e, diríamos, realista dos principais motivos associados ao *distress* conjugal.

5. Limitações e implicações para investigação futura

Utilizando uma metodologia do tipo estudo de caso único, o presente estudo evidenciou a relevância do recurso à observação e avaliação da interação diádica de casais em *setting* terapêutico, tornando-se patente que uma abordagem desta natureza não só poderá contribuir para a identificação e compreensão mais aprofundada dos fatores subjacentes ao *distress* conjugal, mas também para planificação de uma intervenção assente na interação diádica observada.

Não obstante a sua pertinência, este trabalho apresenta algumas limitações que se prendem fundamentalmente com a impossibilidade de terem sido levadas em consideração algumas variáveis que, assumindo um papel de relevo no seio da psicoterapia de casal, podem contribuir para a forma como o casal interage.

O primeiro destes fatores diz respeito a questões relacionadas com a aliança terapêutica, uma vez que esta se constitui como um importante preditor dos resultados inerentes ao processo terapêutico, de um eventual *drop-out* e da forma como o casal se envolve e interage nas sessões de terapia de casal (Glebova et al., 2011). Comparativamente com a psicoterapia individual, o estabelecimento da aliança terapêutica em terapia de casal representa uma tarefa desafiante e complexa, não só porque os membros de uma díade podem apresentar motivações e objetivos diferentes para o processo, mas também porque exige a formação de múltiplas alianças que podem ser representadas de forma distinta pelos membros do casal (*idem*), ocorrendo assim o que

Pinsof e Catherall (1986 cit. in Knobloch-Fedders, Pinsof & Mann, 2007) designaram por *aliança dividida*. Quando tal acontece, os elementos do casal tendem a envolver-se de forma distinta no processo psicoterapêutico (i.e. o elemento com uma aliança mais forte tende a envolver-se mais ativamente), tendo também sido constatado que o estabelecimento de uma aliança terapêutica mais forte entre o terapeuta e um dos elementos da díade pode contribuir para a acentuação do *distress* experienciado pelo outro elemento (sobretudo nas mulheres), o que por sua vez se reflete numa interação mais tensa e com maior tonalidade emocional negativa (Anderson & Johnson, 2010). Pinsof (1994 cit. in Anderson & Johnson, 2004) identificaram ainda a aliança formada entre os elementos do casal como um importante fator que influencia o modo como evolui o processo psicoterapêutico e como o casal se envolve no mesmo. A este respeito, Anderson e Johnson (2004) constataram que a maior qualidade da aliança terapêutica formada entre os elementos do casal está fortemente associada à diminuição do *distress* conjugal, enquanto a qualidade da aliança formada entre o terapeuta e os elementos do casal parece estar mais relacionada com diminuição do *distress* psicológico individual, nomeadamente no que diz respeito ao elemento feminino (Anderson & Johnson, 2004).

Atendendo a que cada uma das múltiplas alianças formadas num processo psicoterapêutico de casal influencia as restantes (Anderson & Johnson, 2010) e que estas se encontram relacionadas com a forma como o casal se envolve no processo, importa que futuras investigações no domínio da avaliação da interação diádica em terapia de casal visem analisar qual o potencial efeito que a qualidade da representação da aliança terapêutica de cada um dos intervenientes do processo exerce sobre a interação do casal em *setting* terapêutico.

Em *setting* terapêutico, a forma como o casal interage e se relaciona está (quase) inevitavelmente associada aos comportamentos e ações dos terapeutas (Ward & Knudson-Martin, 2012), na medida em que, não só dirigem e estruturam as sessões, mas também porque podem evidenciar uma variedade de comportamentos verbais e não-verbais que, estando sujeitos à interpretação dos elementos da díade, podem eventualmente influenciar o modo como o casal se envolve na sessão e como nela interage (Wooley, Wampler & Davis, 2012). É neste sentido que uma das limitações do presente estudo se prende precisamente com o facto de não terem sido analisadas e levadas em consideração as ações dos terapeutas que poderão ter influenciado a interação diádica observada. Desta forma, futuros trabalhos de investigação no domínio do presente estudo deverão incluir as ações dos terapeutas enquanto possíveis fatores que influenciem e determinem o curso da interação diádica do casal ao longo das sessões. Alguns exemplos destas ações consistem no nível de diretividade do terapeuta, na contenção do conflito entre os elementos do casal,

na validação das expressões de *distress* por parte de um dos membros da díade relativamente ao companheiro, na eliciação e promoção de comportamentos alternativos ao modo habitual de funcionamento do casal e na focalização sobre um dos elementos da díade.

Outra importante limitação do presente estudo prende-se com o facto de não ter sido possível realizar uma avaliação da existência de psicopatologia em cada um dos elementos da díade. No que se refere a este fator, Epstein e Baucon (2002) consideram que a interação de um casal pode influenciar ou ser influenciada pela presença de sintomas psicopatológicos em pelo menos um dos seus elementos. Neste sentido, os autores consideram que tanto a relação conjugal pode potenciar a sintomatologia experienciada por um dos elementos do casal, como a presença de psicopatologia pode ter um impacto profundamente negativo na forma como a díade se relaciona, caracterizando-se a interação da mesma por um padrão de exigência-retraimento (*idem*). Tal impacto negativo é particularmente evidente quando o indivíduo com psicopatologia culpabiliza o companheiro pela sua situação e o critica por não conseguir atender às suas necessidades, e/ou quando o elemento do casal sem psicopatologia interpreta alguns dos sintomas evidenciados pelo companheiro como estando diretamente relacionados consigo ou refletindo falta de interesse e rejeição, tornando-se assim ele próprio mais distante e frio na interação conjugal (*ibidem*).

Perante a interinfluência entre a presença de sintomatologia psicopatológica e a forma como um casal interage, a avaliação da presença de psicopatologia em cada um dos elementos da díade deverá ser contemplada em futuros trabalhos de investigação que se foquem sobre a avaliação da interação diádica em terapia de casal, visando explorar mais detalhadamente de que forma estas duas variáveis se relacionam.

Para além das indicações anteriormente referidas, futuros trabalhos de investigação sobre a avaliação da interação diádica em terapia de casal deverão incluir um maior número de casais participantes e uma maior diversificação dos mesmos no que se refere, por exemplo, ao tipo de configuração conjugal, às problemáticas evidenciadas e/ou motivos que conduziram ao pedido de consulta, e ao estágio do ciclo de vida conjugal em que os casais se encontram. Este último aspeto, o ciclo vital do casal, reveste-se de particular importância na medida em que de acordo com a teoria do desenvolvimento familiar, as dificuldades que estão na base do *distress* conjugal, e que se refletem na forma como a díade interage, podem variar consoante o estágio desenvolvimental do ciclo de vida familiar em que o casal se encontra (Miller, Yongason, Sandberg & White, 2003). Tal decorre da constatação de que no decorrer deste ciclo, os desafios, obstáculos e tarefas desenvolvimentais enfrentados

pelo casal e pelos seus elementos individualmente vão variando (*idem*), sendo que fatores como a parentalidade e a progressão na carreira profissional podem não só influenciar a natureza e o tipo dos problemas conjugais experienciados, bem como a severidade e intensidade com que os mesmos são vivenciados pelos elementos do casal (Henry & Miller, 2004). A sugestão para que em futuros trabalhos neste domínio sejam incluídos casais em diferentes estádios do ciclo de vida familiar, decorre também de o facto do casal participante no presente estudo evidenciar um desfasamento ao nível do estágio desenvolvimental do ciclo de vida em que cada um dos seus elementos se encontra, sobretudo no que se refere à transição e ajustamento à parentalidade. A este respeito, importa relembrar que o Afonso tinha um filho adolescente, fruto do seu primeiro casamento, pelo que o nascimento do primeiro filho do casal (primeiro para a Amélia e fruto de uma gravidez não planeada) parece ter sido experienciado de forma consideravelmente distinta por ambos. Efetivamente, lembre-se que o pedido de terapia de casal decorre precisamente do processo psicoterapêutico individual em que a Amélia se encontrava, cujo pedido se encontrava relacionado com o facto de a Amélia estar a experienciar dificuldades do ponto de vista do ajustamento emocional ao seu novo papel de mãe.

A investigação no domínio do ajustamento à parentalidade tem demonstrado que esta transição no ciclo de vida familiar é frequentemente um acontecimento stressante e que produz profundas alterações ao nível do funcionamento conjugal (Deave, Johnson & Ingram, 2008). De facto, os trabalhos que focam o impacto da transição para a parentalidade sobre a relação conjugal têm aportado evidência para a diminuição da qualidade e satisfação conjugal aquando do nascimento do primeiro filho (Doss, Stanley & Markman, 2009; Figueiredo et al., 2008), fruto da diminuição da qualidade da comunicação entre os elementos do casal e do aumento do conflito e ambivalência (Figueiredo et al., 2008). Em acréscimo, nos meses subsequentes ao nascimento do primeiro filho, as mulheres tendem não só a reportar índices mais elevados de *stress* e menor satisfação com o suporte prestado pelos companheiros (Goldstein, Diener & Mangelsdorf, 1996 *cit. in* Figueiredo et al., 2008), mas também maiores dificuldades ao nível da regulação emocional em situações de conflito, criando-se assim um crescente distanciamento entre o casal (Doss, Stanley & Markman, 2009). De acordo com Deave e colaboradores (2008), tais dificuldades encontram-se significativamente associadas às grandes mudanças que a maternidade impõe ao nível das rotinas e estilo de vida das mulheres. De uma forma geral, o nascimento do primeiro filho constitui-se como um período de grande exigência e de mudanças profundas para ambos os elementos de um casal (quer ao nível individual, quer enquanto díade), exigindo a integração da sua nova identidade enquanto pais, o que por sua vez

pressupõe a reorganização dos vários papéis desempenhados por ambos os elementos do casal podendo impactar profundamente o funcionamento conjugal (*idem*).

Uma das implicações do presente estudo para a investigação no domínio da avaliação da interação diádica em processo terapia de casal, reside precisamente na necessidade de futuros trabalhos contemplarem a inclusão de medidas que visem a avaliação da representação da vinculação (e.g. através da *AAI*) e da representação da relação íntima (e.g. com recurso à *IRI*). Tal prende-se com o facto de a investigação no âmbito das relações íntimas na idade adulta ter vindo a aportar clara evidência para a associação entre o comportamento observado na interação diádica de casais, o modelo interno dinâmico geral de vinculação e o modelo interno dinâmico específico de relação íntima. No entanto, tais estudos têm sido maioritariamente realizados com populações não clínicas, pelo que importa realizar a transposição de metodologias que articulem medidas de cariz representacional e de avaliação da interação diádica para populações que recorrem a terapia de casal.

Ao nosso conhecimento, o presente estudo constitui-se como pioneiro na avaliação da interação diádica, à luz da teoria da vinculação, em casais em processo terapia de casal. Com este trabalho colocou-se em evidência a relevância do recurso à observação e avaliação da interação diádica de casais em *setting* terapêutico, tornando-se patente que uma abordagem desta natureza não só poderá contribuir para a identificação e compreensão mais aprofundada dos fatores subjacentes ao distress conjugal, mas também para planificação de uma intervenção assente na interação diádica observada. No entanto, atendendo à complexidade e especificidades de uma relação de cariz amoroso na idade adulta, e sobretudo no que concerne a casais que procuram apoio psicoterapêutico, o presente estudo representa apenas uma primeira imersão num vasto domínio de investigação a ser explorado e com um imenso potencial para contribuir para uma visão mais abrangente das relações amorosas na idade adulta.

Referências Bibliográficas

- Anderson, S. R., & Johnson, L. (2010). A dyadic analysis of the between- and within-system alliances on distress. *Family Process*, 49(2), 220–236.
- Anker, M. G., Sparks, J. a., Duncan, B. L., Owen, J. J. & Stapnes, A. K. (2011). Footprints of Couple Therapy: Client Reflections at Follow-Up. *Journal of Family Psychotherapy*, 22(1).
- Bakermans-Kranenburg, M.J. & van IJzendoorn, M.H. (2009). The first 10,000 Adult Attachment Interviews: Distributions of adult attachment representations in clinical and non-clinical groups. *Attachment & Human Development*, 11(3), 223–63.
- Benson, L.A., McGinn, M.M. & Christensen, A. (2012). Common principles of couple therapy. *Behavior therapy*, 43(1), 25–35.
- Bouthillier, D., Julien, D., Dubé, M., Bélanger, I. & Hamelin, M. (2002). Predictive validity of adult attachment measures in relation to emotion regulation behaviors in marital interactions. *Journal of Adult Development*, 9(4), 291-305.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Separation*. New York, NY: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: Sadness and depression*. New York, NY: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and Loss: Attachment* (2nd ed.). New York, NY: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Parent-child attachment and healthy human development*. New York, NY: Basic Books.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28(5), 759–775.

- Butler, M. H., Harper, J. M. & Mitchell, C. B. (2011). A comparison of attachment outcomes in enactment-based versus therapist-centered therapy process modalities in couple therapy. *Family Process, 50*(2), 203–20.
- Cassidy, J. (2001). Truth, lies, and intimacy: An attachment perspective. *Attachment & Human Development, 3*(2), 121–156.
- Cassidy, J. (2008). The nature of the child's tie. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (2nd ed., pp. 3-22). New York, NY: The Guilford Press.
- Clulow, C. (2001). Attachment theory and the therapeutic frame. In C. Clulow (Ed.), *Adult attachment and couple psychotherapy: The "secure base" in practice and research* (pp. 85-104). London: Brunner-Routledge.
- Cobb, R. J., & Bradburry, T. (2003). Implications of adult attachment for preventing adverse marital outcomes. In S. M. Johnson & V. E. Whiffen (Eds.), *Attachment processes in couple and family therapy* (pp. 258-280). New York, NY: The Guildford Press.
- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2000). Safe haven: An attachment theory perspective on support seeking and caregiving in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 78*(6), 1053–1073.
- Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2004). Working models of attachment shape perceptions of social support: Evidence from experimental and observational studies. *Journal of Personality and Social Psychology, 87*(3), 363–383.
- Collins, N.L. & Read, S. (1994). Cognitive representations of adult attachment: The structure and function of working models. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships, vol.5: Attachment processes in adulthood* (pp. 53-90). London, England: Jessica Kingsley, Inc.

- Collins, N.L., Guichard, A.C., Ford, M.B. & Feeney, B.C. (2004). Working models of attachment: New developments and emerging themes. In W.S. Rholes & J.A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research and clinical implications* (pp. 196-239). New York, NY: Guilford.
- Crowell, J. A., Treboux, D., Gao, Y., Fyffe, C., Pan, H., & Waters, E. (2002). Assessing secure base behavior in adulthood: Development of a measure, links to adult attachment representations and relations to couples' communication and reports of relationships. *Developmental Psychology, 38*(5), 679–693.
- Crowell, J.A. & Treboux, D. (1995). A review of adult attachment measures: Implications for theory and research. *Social Development, 4*, 294-327.
- Crowell, J.A., & Treboux, D. (2001). Attachment security in adult partnerships. In C. Clulow (Ed.), *Adult attachment and couple psychotherapy: The "secure base" in practice and research* (pp. 28-42). London: Brunner-Routledge.
- Crowell, J.A., Fraley, R. & Shaver, P.R. (2008). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (2nd ed., pp. 599-636). New York, NY: The Guilford Press.
- Dattilio, F. M. & Dickson, J. (2007). Assigning Homework to Couples and Families. *Cognitive and Behavioral Practice, 14*(3), 268–277.
- Davila, J. (2003). Attachment processes in couple therapy: Informing behavioral models. In S. M. Johnson & V. E. Whiffen (Eds.), *Attachment processes in couple and family therapy* (pp. 124-143). New York, NY: The Guilford Press.

- Davila, J., & Kashy, D. A. (2009). Secure base processes in couples: Daily associations between support experiences and attachment security. *Journal of Family Psychology*, 23(1), 76–88.
- Deave, T., Johnson, D. & Ingram, J. (2008). Transition to parenthood: the needs of parents in pregnancy and early parenthood. *BMC Pregnancy and Childbirth*, 8, 30.
- Doss, B. D., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2009). The effect of the transition to parenthood on relationship quality: an 8-year prospective study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(3), 601–19.
- Doss, B. D., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2009). The effect of the transition to parenthood on relationship quality: an 8-year prospective study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(3), 601–19.
- Doss, B. D., Simpson, L. E., & Christensen, A. (2004). Why do couples seek marital therapy. *Professional Psychology: Research and Practice*, 35(6), 608–614.
- Epstein, N. & Baucon, D. (2002). *Enhanced cognitive-behavioral therapy for couples – A contextual approach*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Faria, C. F., Fonseca, M., Lima, V. S., Soares, I., & Klein, J. (2007). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação* (pp. 121-158). Braga: Psiquilibrios Edições.
- Feeney, B. C., & Collins, N. L. (2001). Predictors of caregiving in adult intimate relationships: An attachment theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80(6), 972–994.

- Feeney, J. A. (2008). Adult romantic attachment: Developments in the study of couple relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 456-481). New York, NY: The Guildford Press.
- Feeney, J.A. & Noller, P. (1996). *Adult attachment*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Figueiredo, B., Field, T., Diego, M., Hernandez-Reif, M., Deeds, O., & Ascencio, A. (2008). Partner relationships during the transition to parenthood. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 26(2), 99–107.
- Fraley, R.C., & Shaver, P.R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132–154.
- George, C. & Solomon, J. (2008). The caregiving system: A behavioral systems approach to parenting. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (2nd ed., pp. 833-856). New York, NY: The Guilford Press.
- Glebova, T., Bartle-Haring, S., Gangamma, R., Knerr, M., Delaney, R. O., Meyer, K., McDowell, T., et al. (2011). Therapeutic alliance and progress in couple therapy: multiple perspectives. *Journal of Family Therapy*, 33(1), 42–65.
- Haydon, K.C. (2008). *Pathways to generalized and partner-specific attachment representations in adulthood: A developmental perspective on the organization of romantic behavior*. (Doctoral thesis unpublished). University of Minnesota, Minnesota.
- Haydon, K.C., Collins, W.A., Salvatore, J.E., Simpson, J.A., & Roisman, G. I. (2012). Shared and distinctive origins and correlates of adult attachment representations: the developmental organization of romantic functioning. *Child development*, 83(5), 689-702.

- Hazan, C. & Shaver, P.R. (1990). Love and Work: An attachment theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 270-280.
- Hazan, C. & Shaver, P.R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychology Inquiry*, 5, 1-22.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–24.
- Henry, R. G., & Miller, R. B. (2004). Marital problems occurring in midlife: Implications for couples therapists. *The American Journal of Family Therapy*, 32(5), 405–417.
- Hesse, E. (2008). The adult attachment interview: Protocol, method of analysis, and empirical studies. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (2nd ed., pp. 552-598). New York, NY: The Guilford Press.
- Heyman, R. E. (2001). Observation of couple conflicts: Clinical assessment applications, stubborn truths, and shaky foundations. *Psychological Assessment*, 13(1), 5-35.
- Heyman, R.E. (2004). Rapid marital interaction coding system (REMICS). In P.K. Kerig & D. H. Baucom (Eds.), *Couple observational coding systems* (pp. 67-94). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum associates, Publishers.
- Holland, A.S., & Roisman, G.I. (2010). Adult attachment security and young adults' dating relationships over time: Self-reported, observational, and physiological evidence. *Developmental psychology*, 46(2), 552-5577.
- Johnson, J. A. (2008). Couple and family therapy: An attachment perspective. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 811-832). New York, NY: The Guildford Press.

- Johnson, S. & Sims, A. (2000). Attachment theory: A map for couples therapy. In T. M. Levy (Ed.), *Handbook of attachment interventions* (pp. 172-191). San Diego, CA: Elsevier Science.
- Johnson, S. (2003). Attachment theory: A guide for couple therapy. In S. M. Johnson & V. E. Whiffen (Eds.), *Attachment processes in couple and family therapy* (pp. 103-123). New York, NY: The Guildford Press.
- Knobloch-Fedders, L. M., Pinsof, W. M., & Mann, B. J. (2007). Therapeutic alliance and treatment progress in couple psychotherapy. *Journal of Marital and Family Therapy*, 33(2), 245–57.
- Kobak, R. & Madsen, S. (2008). Disruptions in attachment bonds: Implications for theory, research, and clinical intervention. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (2nd ed., pp. 23-47). New York, NY: The Guilford Press.
- Lafontaine, M.-F., Bélanger, C., & Gagnon, C. (2009). Support seeking, caregiving and conflict management: Evidence from an observational study with couples. *Europe's Journal of Psychology*, 3, 9–24.
- Lebow, J.L., Chambers, A.L., Christensen, A. & Johnson, S.M. (2012). Research on the treatment of couple distress. *Journal of Marital and Family Therapy*, 38(1), 145–68.
- Lima, V. S. (2009). *Vinculação, representação da relação íntima e interação diádica em adultos*. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Braga.
- Lima, V. S., Dias, P., Xavier, M. L., Veiga, E., Negrão, M., Campos, L.,... Teixeira, E. (2013, Abril). *Intervención psicoterapéutica, depresión y ajustamiento diádico en parejas embarazadas*. Comunicação apresentada em IV Congreso internacional de psicología del grupo sectorial de psicología – FIUC, Buenos Aires, Argentina.

- Lima, V., Vieira, F., & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interacção conjugal. *Psicologia XX*, 1, 51-63.
- Main, M., Kaplan, N. & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (1-2, serial No. 209), 66-104.
- McCarthy, G. & Maughan, B. (2010). Negative childhood experiences and adult love relationships: The role of internal working models of attachment. *Attachment & human development*, 12(5), 445–61.
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P., & Carolyn, C. (2002). Attachment security in couple relationships: A systematic model and its implications for family dynamics. *Family Process*, 41(3), 405–434.
- Miller, R. B., Yorgason, J. B., Sandberg, J. G., & White, M. B. (2003). Problems that couples bring to therapy: A view across the family life cycle . *The American Journal of Family Therapy*, 31, 395–407.
- Ostrov, J.M. & Collins, W.A. (2007). Social dominance in romantic relationships: A prospective longitudinal study of non-verbal processes. *Social Development*, 16(3), 580–595.
- Pietromonaco, P., & Carnelley, K. (1994). Gender and working models of attachment: Consequences for perceptions of self and romantic relationships. *Personal Relationships*, 1, 63-82.
- Pietromonaco, P.R. & Barrett, L.F. (2000). The internal working models concept: What do we really know about the self in relation to others? *Review of General Psychology*, 4(2), 155–175.

- Relvas, A. P. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: Perspectiva sistémica. In I. Soares (Coord.), *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajetórias (in)adaptativas ao longo da vida* (pp. 435-467). Coimbra: Quarteto.
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., & Oriña, M. M. (1999). Attachment and anger in an anxiety-provoking situation. *Journal of Personality and Social Psychology*, *76*(6), 940–57.
- Roisman, G. I., Collins, W. A., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (2005). Predictors of young adults' representations of and behavior in their current romantic relationship: prospective tests of the prototype hypothesis. *Attachment & Human Development*, *7*(2), 105–21.
- Roisman, G. I., Madsen, S. D., Hennighausen, K. H., Sroufe, L. A., & Collins, W. A. (2001). The coherence of dyadic behavior across parent – Child and romantic relationships as mediated by the internalized representation of experience. *Attachment & Human Development*, *3*(2), 156–173.
- Roisman, G.I., Holland, A., Fortuna, K., Fraley, R.C., Clausell, E. & Clarke, A. (2007). The Adult Attachment Interview and self-reports of attachment style: an empirical rapprochement. *Journal of personality and Social Psychology*, *92*(4), 678–97.
- Sierra, J.C., Buéla-Casal, G., & Sánchez, A.I. (2001). Evaluación y tratamiento de los problemas de pareja. In G. Buéla-Casal & J. C. Sierra (Ed.), *Manual de evaluación y tratamientos psicológicos* (pp. 487-516). Madrid, Spain: Biblioteca Nueva.
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Nelligan, J. S. (1992). Support seeking and support giving within couples in an anxiety-provoking situation: The role of attachment styles. *Journal of Personality and Social Psychology*, *62*(3), 434–446.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: mãe-filho(a)*. Braga, Portugal: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

- Soares, I. (2000). Introdução à psicopatologia do desenvolvimento: Questões teóricas e de investigação. In I. Soares (Coord.), *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajetórias (in)adaptativas ao longo da vida* (pp. 11-42). Coimbra, Portugal: Quarteto.
- Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Coord.). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação* (pp. 13-45). Braga, Portugal: Psiquilibrios Edições.
- Soares, I., Martins, E.C., & Tereno, S. (2007). Vinculação na infância. In I. Soares (Coord.). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação* (pp. 47-98). Braga, Portugal: Psiquilibrios Edições.
- Stake, R. E. (2005). Case studies. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln Eds.), *Handbook of qualitative research* (3rd ed., pp. 435-486). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Tereno, S. (2008). Intergenerational approach of attachment: The contribution of intimate marital representations. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Braga.
- van IJzendoorn, M.H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: a meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment Interview. *Psychological bulletin*, 117(3), 387–403.
- Vieira, F. M. (2008). *Avaliação da representação das relações íntimas, comportamento diádico e percepção da vinculação: Estudo exploratório*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Minho, Braga.
- Wampler, K. S., Riggs, B., & Kimball, T. G. (2004). Observing attachment behavior in couples: The adult attachment behavior Q-set (AABQ). *Family Process*, 43(3), 315–35.

- Wampler, K., Shi, L., Nelson, B. S., & Kimball, T. G. (2003). The adult attachment interview and observed couple interaction: Implications for an intergenerational perspective on couple therapy. *Family Process, 42*(4), 497–515.
- Wampler, K.S., Riggs, B. & Kimball, T.G. (2004). Observing attachment behavior in couples: the Adult Attachment Behavior Q-Set (AABQ). *Family Process, 43*(3), 315–35.
- Ward, A., & Knudson-Martin, C. (2012). The Impact of Therapist Actions on the Balance of Power Within the Couple System: A Qualitative Analysis of Therapy Sessions. *Journal of Couple & Relationship Therapy, 11*(3), 221–237.
- Waters, E. & Cummings, E.M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child development, 71*(1), 164–72.
- Waters, E., Hamilton, C. E., & Weinfield, N. S. (2000). The stability of attachment security from Infancy to adolescence and early adulthood: General introduction. *Child Development, 71*(3), 678–683.
- Waters, E., Weinfield, N. S., & Hamilton, C. E. (2000). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: General discussion. *Child Development, 71*(3), 703–706.
- Weinfield, N.S., Sroufe, L.A., Egeland, B. & Carlson, E. (2008). Individual differences in infant-caregiver attachment: Conceptual and empirical aspects of security. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (2nd ed., pp. 436-455). New York, NY: The Guilford Press.
- Woolley, S. R., Wampler, K. S., & Davis, S. D. (2012). Enactments in couple therapy: identifying therapist interventions associated with positive change. *Journal of Family Therapy, 34*(3), 284–305.

Yin, R. K. (2009). *Case study research: Design and method* (4th ed., vol. 5). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.

Zeifman, D. & Hazan, C. (2008). Pair bonds as attachments: Reevaluating the evidence. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (2nd ed., pp. 436-455). New York, NY: The Guilford Press.